INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

GÉNERO E ANIMAIS DE COMPANHIA: a importância dos animais para moradoras em processo de envelhecimento na cidade de Lisboa

Paula Freire Santos Andrade Nunes

Orientador: Profa. Associada Doutora Catarina Casanova

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Famíia e Gênero

Lisboa
2025

GÉNERO E ANIMAIS DE COMPANHIA: a importância dos animais para moradoras em processo de envelhecimento na cidade de Lisboa

Paula Freire Santos Andrade Nunes

Orientadora: Profa. Doutora Catarina Carreira Nogueira Casanova

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Família e Género

Júri:

Presidente: Doutora Cláudia Casimiro Ferreira da Costa, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa

Vogais: Doutora Catarina Carreira Nogueira Casanova, Professora Associada do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa, na qualidade de Orientadora;

Doutora Maria da Luz Ramos, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

Lisboa
2025

Dedico esta investigação às mulheres lisboetas que partilharam comigo, com tamanha sensibilidade, sua experiência afetiva em conviver com seus AC's durante seu processo de envelhecimento; e aos meus filhos não humanos- que merecem sim ser chamados de filhos- por me permitirem viver o amor pelo qual eu morreria.

Agradecimentos

A jornada de uma mestranda, trabalhadora em tempo integral e imigrante não é simples: há de se ter muita boa vontade, humor, disposição e pessoas incríveis ao redor.

Começo, então, meus agradecimentos, primeiramente, a mim mesma, pela coragem e fé em Nossa Senhora – sempre tão firme e pontual em minha vida.

Agradeço às minhas parceiras de caminhada: Simone, Gabi Teles, Gabi Gattlartd e Monalisa, e lhes digo: todas as vezes que eu chegada às aulas no ISCSP e olhava o rostinho de vocês, me sentia acolhida e com a certeza de que eu estava no lugar certo. Vocês foram – e seguirão sendo- fundamentais.

Às professoras Cláudia Casimiro e Dália Costa, professoras que exercem a docência de forma mágica, espetacular e didática, agradeço pelo incentivo e pela transmissão de sabedoria.

Aos tantos outros amigos, velhos e novos, que encontrei pelo caminho, que tanto me ampararam nesta jornada de mestranda – que se confunde intimamente com a de imigração-, especialmente ao Du, à Luiza, à Guiga, ao Didi e ao Tiago, agradeço pelas palavras de apoio, risadas fáceis, soluções objetivas, escuta ativa e amparo. Como diz o nosso grande poeta: "Amigo é coisa pra se guardar do lado esquerdo do peito, dentro do coração".

À mamãe, à vovó, ao Gustavo e ao Bento, que me fazem encher os olhos de lágrimas só de neles pensar, agradeço por entenderem minha vontade de voar e

suportarem minha ausência física. Nossos laços, para além de consanguíneos e afetivos, são tão firmes que eu nunca me senti distante de vocês nesta caminhada. Espero estar à altura da confiança e amor que vocês depositam em mim!

À Lisboa - tão lindinha e tão chatinha, como costumo dizer!-, agradeço pelos dias de sol, agradeço por ter me recebido tão bem, e agradeço por ter me feito encontrar e reconhecer um grande amor: talvez acabado, talvez inacabado; mas pra sempre um grande amor.

E, por fim, agradeço, em destaque, a 2 grandes pilares especiais: um, por me direcionar com tanto cuidado; e outro, por me amparar e encher de carinho: respectivamente, à minha querida orientadora Professora Doutora Catarina Casanova e ao meu filho não humano Romeu.

À Professora Catarina Casanova, agradeço por acreditar em mim, por ler e corrigir minha tese repetidas vezes com tanta paciência, e for entregar tanta disponibilidade a seus alunos. Devo dizer-te que, como filha de professora, passei uma vida inteira ouvindo dos alunos de minha mãe como ela era uma professora excepcional; e hoje, a vida me brindou com uma professora excepcionalmente igual, talentosa, pesquisadora nata e tão apaixonada pela linha de pesquisa que defende. Muito obrigada por me colocar na sua teia, e acreditar que eu seria capaz de chegar até aqui – e ir além!

Ao Romeu, meu filho tão sensível às minhas necessidades, eu agradeço pelas brincadeiras, pelo humor e pela companhia- principalmente nestes últimos meses de trevas. Em nossa convivência intensa, nós aprendemos a nos comunicar com um olhar. Romeu é para mim mais do que um amparo: ele é uma condição para minha alegria; é como se qualquer dor fosse menor por ele estar próximo a mim, e acho que ele sabe disso.

Resumo

Esta dissertação de Mestrado propõe investigar as interseções entre gênero e a relação com animais- companheiro com foco nas mulheres em processo de envelhecimento que convivem com cães e gatos em contextos urbanos na área metropolitana em Lisboa. A partir de uma abordagem qualitativa, pretende-se compreender como o vínculo como os restantes animais pode refletir e influenciar questões afetivas e sociais relacionadas ao ser mulher na contemporaneidade, principalmente na velhice. O estudo está ancorado em referenciais teóricos dos estudos de gênero e estudos interespécies, e busca analisar discursos, práticas e sentimentos presentes na convivência entre mulheres e os animais companheiros de quem cuidam. A pesquisa se justifica diante do crescente reconhecimento dos animais como membros das famílias multiespécies e da necessidade de ampliar a compreensão sobre as relações intersubjetivas que se estabelecem nesse contexto. Os resultados mostram que para as entrevistadas a convivência com animais companheiros contribui para o fortalecimento da autoestima e do senso de responsabilidade das mulheres em processo de envelhecimento, configurando-se como uma experiência significativa de afetos, intimidades e cuidado mútuo. Pretendi, ainda que modestamente, contribuir para o campo da Sociologia e dos estudos de gênero, propondo uma reflexão crítica sobre os modos de subjetivação e de cuidado que atravessam essas experiências afetivas interespécies.

Palavras-chave: Gênero; Mulheres em processo de envelhecimento; Animais companheiros; Relações interespécies.

Abstract

This master's thesis aims to investigate the intersections between gender and the relationship with companion animals, with a focus on ageing women who live with dogs and cats in urban contexts in the Lisbon metropolitan area. Using a qualitative approach, the aim is to understand how the bond with other animals can reflect and influence, affective and social issues related to being a woman in contemporary times, especially in old age. The study is anchored in theoretical references from gender studies and interspecies studies with a sociological approach, and seeks to analyse the discourses, practices and feelings present in the coexistence between women and the companion animals they care for. The research is justified by the growing recognition of animals as members of multi-species families and the need to broaden our understanding of the intersubjective relationships that are established in this context. The results show that, for the women interviewed, living with companion

animals helps to strengthen their self-esteem and sense of responsibility making it a significant experience of affection, intimacy and mutual care. I intended, albeit modestly, to contribute to the field of sociology and gender studies by proposing a critical reflection on the modes of subjectivation and care that traverse these interspecies affective experiences.

Keywords: Gender; Aging process in women; Companion Animal; Interspecies relationships

Índice

Introdução ……..9-13

1. **Enquadramento teórico-conceptual……..13-29**
2. **Metodologia**

2.1 Pesquisa Bibliográfica 29-29

2.2 Método e Técnicas de pesquisa.....29-33

2.3 Tratamento de dados 33-34

3. **Resultados**

3.1 O processo de envelhecimento das mulheres moradoras de Lisboa e o impacto da convivência na sua casa (o ecossistema diário) com AC's..... 34-36

3.2 Na visão da mulher, a interação com os AC 's causa impacto na sua qualidade de vida: seu bem-estar, humor, autoestima e menor estresse.....37-38

3.3 Entender qual é o significado e função dos AC's para estas mulheres, ou seja, como os veem, e que representações exercem 38-39

3.4 Compreender se na visão da mulher, a convivência com os AC's diminui a solidão e fortalece a rede de apoio favorecendo um certo suporte social (até mesmo com outros membros do agregado familiar) 39-40

4. **Discussão**

4.1.1 Respondendo à pergunta de partida: Durante o processo de envelhecimento das mulheres moradoras de Lisboa, qual é o impacto da convivência no ecossistema diário com AC's?..... 40-60

5. Conclusões..... 66-64

Referências bibliográficas

Apêndices

Apêndice A Guião da entrevista semi-estruturada …… 76-78

Apêndice B Declaração de consentimento informado …… 79- 80

Apêndice C Gráficos Atlas TI …… 81 - 87

Introdução

Esta dissertação de Mestrado em Família e Género tem como objetivo investigar qual é o impacto para as mulheres em processo de envelhecimento, nomeadamente mulheres com 65 anos ou mais, da relação havida entre estas e os seus **animais companheiros**, especificamente cães (C*anis lupus familiaris*) e gatos (*Felix domesticus*), com quem partilham o mesmo "ecossistema doméstico".

Tem como principal objetivo compreender, portanto, qual é o impacto dos animais companheiros na vida de mulheres/cuidadoras em processo de envelhecimento na cidade de Lisboa, a fim de perceber se o papel que estes animais não humanos exercem no quotidiano dessas mulheres terá impacto benéfico na re(construção) da interação destas com outros membros da família e da sociedade durante a velhice e com os próprios animais companheiros, criando dinâmicas e rotinas quotidianas entre ambos, e da possível diminuição de solidão enfrentada neste processo pelas mulheres.

Na verdade, na UE os homens têm uma longevidade que quase se aproxima dos 79 anos, enquanto as mulheres aproximam-se dos 84 anos[1]. Contudo, entre o triénio 2021-23, a taxa de longevidade para os homens foi estimada como 78,37 anos e 83,67 para as mulheres, o que representa, se nos fixarmos em 2020-22, num aumento de 0,32 para os homens em relação às mulheres (0,15)[2]. Embora assistamos a uma aproximação dos homens relativamente às mulheres no que diz respeito à esperança média de vida, esta não deixa de ser mais longa nas mulheres, trazendo a ideia de que, nas palavras de Salgado (2002), a velhice se tornou mais feminina nos últimos anos.

[1] https://european-union.europa.eu/principles-countries-history/facts-and-figures-european-union_pt#:~:text=Qualidade%20de%20vida%2C%20emprego%20e,84%20anos%20para%20as%20mulheres (Consultado em Março 2025)

Neste contexto, muitos são os estereótipos, positivos ou negativos, ligados às pessoas idosas, tais como solidão, crenças, doenças, senilidade, a vulnerabilidade e falta de força física e vital (Nussbaum & cols., 2005), que se confirmam podendo ou não depender do contexto social.

Entretanto, numa sociedade ainda marcada por desigualdades de género como é o caso da atual (Gullette, 2022), alguns estereótipos serão especialmente marcadores do "processo de envelhecimento das mulheres, ainda mais do que dos homens, como a discriminação por idade, sexismo e a pressão para manter a juventude e a beleza" (Gullette, 2022: p. 06).

A longevidade vislumbrada em dados na UE será, portanto, marcada pelos reflexos do processo de envelhecimento, sendo que tal processo de envelhecimento será marcado também pelo recorte do género, já que "dos fatores associados à solidão, o sexo feminino, a idade avançada, o baixo estatuto socioeconómico e o fato de viver sem parceiro e filhos contribuem para um maior nível de solidão" (Vozikaki, et al., 2018: p.613).

Buscou-se compreender, portanto, qual seria o impacto causado pela troca de vivências emocionais entre mulheres (que têm maior longevidade) e os não humanos, durante o processo de envelhecimento destas mulheres, bem como em que medida, ambos (mulheres e não humanos) compartilham o chamado "ecossistema doméstico" e a rotina de seu dia a dia ou quotidiano.

A pertinência deste tema, portanto, nasceu de cinco fatores:

1) Sempre entendi os restantes animais como sujeitos com direitos e membros da família, que, desde a minha infância, partilharam comigo o quotidiano diário, estabelecendo dinâmicas sociais diferentes e semelhantes, em certa medida, se comparado aos demais membros da família;

2) O número de cães e gatos a partilharem ecossistemas domésticos integrados em agregados familiares ter vindo a aumentar acentuadamente em Portugal nos últimos anos,

acompanhando a tendência Europeia (Dapra & Casanova, 2020). No ano de 2023, na Europa existiam 129.113,4 milhões de gatos e 106.364 cães. Portugal acompanhou esta tendência, sendo o gato o animal mais comum, sendo em 2023, 1.955.000.000 indivíduos, portanto quase 2 milhões;[2]

3) O aumento gradativo - e que se pode manifestar como desafio demográfico - do número de idosos em Portugal. De acordo com o INE (Instituto Nacional de Estatística de Portugal, 2020), "o número de idosos (65 e mais) passará de 2,2 para 3 milhões até 2080", o que aumenta, consequentemente, o número de idosos nos agregados;[3]

4) A própria evolução na constituição das famílias contemporâneas, uma vez que, em muitas, os animais companheiros (AC's) são considerados membros da família (Irvine & Cilia, 2017) ou ver ainda Casanova & Cortés (2022) compondo tal estrutura, portanto, aquilo a que se chama uma unidade familiar multiespécie;

5) Considerou-se o fato de tratar-se este de um Mestrado em Família e Gênero, escolhendo-se um objeto de estudo que representasse um recorte de gênero (feminino) e sua expressão dentro de um dos tipos contemporâneos de família (família multiespécie: Applebaum & Ellison, 2023; Richardson and Hjorth, 2024).

Neste cenário, guiada pela **pergunta de partida (**durante o processo de envelhecimento das mulheres moradoras de Lisboa, qual é o impacto da convivência no ecossistema diário com AC's?), temos como **objetivo geral** apontar qual o impacto, positivo ou negativo, que os AC's exercem na rotina, nas tomadas de decisões, na expressão dos afetos e emoções, na saúde, felicidade, combate ao isolamento, e bem-estar das idosas; considerando que os processos de envelhecimento implicam sempre alguma solidão, viuvez e

[2] https://www.statista.com/statistics/515410/cat-population-european-union-eu-by-country/ (consultado em Março de 2023)
[3] https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=406534255&DESTAQUESmodo=2

isolamento social, podendo ter os AC's um papel a desempenhar na alteração destas relações interpessoais.

Finalmente, como **objetivos específicos** (que complementarão o objetivo geral), tem-se:

a) Entender como, na visão da mulher, a interação com os AC 's causa impacto na sua qualidade de vida: no seu bem-estar, humor, autoestima e estresse, "atingindo uma sensação de bem-estar e até maior envolvimento em atividades e melhoramento do humor" (Chandler, 2011: p.16).

b) Entender qual é o significado e função dos AC's para estas mulheres, ou seja, como os veêm, e que representações exercem; a fim de se confirmar se a troca íntima, quotidiana e de proximidade de afeto forte entre mulher e AC faria com que fossem tais AC's entendidos como um dos membros daquele agregado familiar, já que, os indivíduos frequentemente entendem as suas conexões com os AC via a definição de "membros da família" (Sanders, 2020);

c) Compreender se na visão de mulher, a convivência com os AC's diminui a solidão e fortalece a rede de apoio providenciando um certo suporte social (até mesmo com outros membros do agregado familiar, se for o caso).

Portanto, ao responder à pergunta de partida deste estudo procuro dar um modesto contributo para esta área da sociologia que acompanhou um novo paradigma na Sociologia (novo paradigma ecológico – ver Catton & Dunlap, 1978) e até comparar os resultados obtidos com outras investigações já realizadas em Portugal como "'Ele é meu filho': Sobre o significado das aves" (Dapra & Casanova, 2020) e "Precisar, sonhar, "inesperar": animais de companhia e comunidades pessoais multiespécies" (Policarpo, 2022b). A intenção de alargar os estudos para continuar a aprofundar qual é o significado destes AC's especificamente na vida de mulheres em processo de envelhecimento em Lisboa, refletindo no estudo a visão exclusivamente da mulher.

É imperioso, neste sentido, destacar a importância da pesquisa que tem como cerne a visão da mulher em processo de envelhecimento, pois numa aproximação psicológica Costa, Jorge, Saraiva, Coutinho (2009), suportados pela análise que realizam no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na MedLine e na SciELO, afirmam que "são escassas as investigações que se debruçam sobre as relações psicoafectivas entre humanos e AC's." (Costa et al., 2009, p.3). Costa e colaboradores (2009) referem ainda que "nenhum estudo se focou em pessoas idosas. Os que se destacaram foram estudos de abordagens quantitativas, em detrimento de perspetivas qualitativas, as únicas que permitem capturar as subjetividades que são inerentes aos relacionamentos psicoafectivos e sociais que, estes sim, estão no cerne da interação entre o ser humano e o animal de estimação" (Costa et al., 2009: p.3).

Apesar dos poucos estudos dedicados ao entendimento dos impactos da relação entre mulher e seus AC's, alguns indicam que existem três formas principais das mulheres integrarem o AC em suas auto-percepções. Nas palavras de Sarmicanic (2007), "primeiro, vêem-se a si próprias e ao seu AC como companheiros de equipa ou colegas de trabalho. Em segundo lugar, acreditam que o seu sentido de compreensão pessoal e de sensibilização para as questões relacionadas com os animais foram influenciadas pelos seus AC's. Em terceiro lugar, eles veem os seus animais de estimação como membros da família" (Sarmicanic, 2007: pg 6).

1. Enquadramento teórico-conceptual

As famílias e as famílias multiespécie destacam-se uma da outra sendo que na última existem não humanos que podem ser vistos como membros da família.

Embora a família seja um mecanismo sobretudo social e dinâmico, Farrell, VandeVusse e Ocobock (2012) perceberam ao analisar as mudanças significativas nas estruturas e comportamentos familiares ocorridas nas últimas quatro décadas nos Estados Unidos, que, apesar dessas transformações, a sociologia da família tem sido lenta em adaptar novas

categorias de análise, abordagens metodológicas e escopo de investigação para refletir as novas realidades da vida familiar sobretudo norte americana. Tal e qual como Catton & Dunlap (1978) afirmam para a questão do ambiente, que a sociologia não acompanhava com rapidez suficiente aquilo que importava para as sociedades os anseios e preocupações dos seus inquiridos. Foi através de cientistas (biólogos) como Rachel Carson que os sociólogos começaram a retirar a vendo do "imperialismo social" (Catton & Dunlap, 1978).

A família é, portanto, uma instituição em transformação, mutável, flexível e baseada em relações afetivas e escolhas individuais, refletindo as mudanças sociais e culturais ao longo do tempo. Dentro de uma perspectiva sociológica mais ampla, as estruturas familiares evoluíram ao longo do tempo, demonstrando que a família não é uma instituição fixa e imutável, mas sim uma construção social que varia de acordo com o contexto histórico, cultural e económico, cada vez mais diversa, com novas formas de convivência e arranjos não convencionais (Giddens, 1991).

Giddens (1991) na sua obra !*Modernity and Self-Identity - Self and Society in the Late Modern Age"*, de 1991, aborda como as transformações globais e a identidade pessoal interagem de forma a alterar o plano social e serem, na mesma medida, alterados pelo plano social. Desta forma, o que vai distinguir as sociedades tradicionais das contemporâneas não é somente o fato das instituições (como a família) serem dinâmicas, mas também o forte impacto que este dinamismo tem na vida de cada pessoa.

Neste sentido, a formação das sociedades contemporâneas está centrada na ideia de que nelas as relações sociais deixam de ser pautadas por normas rígidas e inflexíveis, passando-se para uma ordem que confere maior opção aos indivíduos, que "reconstruirão seu *self* e sua identidade pessoal aproveitando-se de um processo de reflexividade sobre si mesmo" (Torres, 1993: p.256).

Neste sentido, as mudanças contemporâneas nas estruturas familiares- sendo a família multiespécie um exemplo de família contemporânea- desafiam as categorias tradicionais de análise sociológica, uma vez que, nas palavras de Farrell et al. (2012), "os pressupostos sobre

os tipos de formas de família e arranjos domésticos usados como exemplos para se estudar o conceito de "família", ainda não se expandiram o suficiente em muitos países para atender às novas realidades da vida familiar." (Farrell et al., 2012: p.8).

Dentro do ideal eudemonista a família seria fundada no afeto e seria um *locus* de felicidade dos seus membros, no qual o indivíduo, fomentado mais pela sua autonomia e afeto, escolheria em que tipo de família melhor se encaixaria (Serra e Araújo, 2019). Essa ideia corrobora com a perspectiva de transição da sociologia tradicional da família, que antes era *locus* de proteção da propriedade e património, para a sociologia da vida pessoal. Nesta nova perspectiva, a família não é vista como uma convenção social fixa, mas dinâmica, e que reflete na sua formação as escolhas individuais dos seus membros, escolhas estas que serão, muitas vezes, complexas, pois as relações pessoais são profundas (Gilding, 2010).

O reconhecimento sociológico das famílias contemporâneas, fundadas no afeto, pode ser justificado pelo conceito de sociabilidade traçado por Simmel (1908) como uma forma pura de interação social, ou seja, a interação pela interação, sem interesses materiais ou propósito externos. A sociabilidade acontece quando o convívio social é construído pelo prazer das relações, independentemente de finalidades económicas, políticas ou instrumentais (Simmel, 1908).

Esta transformação social que reconhece a família fundada na felicidade, mais diversificada e menos rígida nas suas normas, em papéis de género e em reprodução, demonstra que a individualização vai definir a vida familiar. Neste contexto, a família será uma unidade social baseada em regras flexíveis, na qual os seus membros têm o objetivo de encontrar, acima de tudo, satisfação pessoal (Giddens, 1992).

Neste contexto, onde algumas sociedades avançadas vão influenciar a formação de famílias contemporâneas, a ideia fundamental é que as relações íntimas, sejam elas conjugais ou não, não serão formadas seguindo um determinante externo, como, por exemplo, a

propriedade ou a descendência; ou seja, o que determinará a formação e a perenidade desta família contemporânea serão os benefícios que seus membros retiram dela (Torres, 1993).

Neste sentido, o conceito de família multiespécie, como exemplo de família contemporânea, já foi traçado por Irvine e Cilia (2017), Dapra e Casanova (2020) e Casanova & Cortés (2022), Policarpo (2022b) como sendo uma unidade familiar na qual seus membros, ainda que não sejam humanos, não são considerados comestíveis, têm nomes próprios, partilham do ambiente doméstico e de comemorações da família, são valorizados como parte integrante da família e, quando morrem, o luto sofrido pela sua perda é um processo importante para seus tutores.

Utilizando uma abordagem qualitativa, Feeney (2010) entrevistou cinco participantes do sexo feminino, tentando compreender quais seriam as experiências subjetivas das mulheres em relação aos seus AC's, destacando a interdependência mútua e a reciprocidade desses vínculos. A autora observou que as participantes relataram sentimentos de aceitação incondicional e companheirismo por parte de seus AC's, o que pode ser interpretado como um fator que potencialmente eleva a autoestima e melhora a qualidade de vida.

Nas variadas categorias em que se colocam os animais não humanos, e na certeza de que são categorizados de forma diferente a depender de seu valor e de sua função em si mesmo ou de sua função face ao ser humano: "animais companheiros, animais de entretenimento, animais de consumo" (Policarpo, 2022b: p.345). Portanto, "a definição de animal de companhia é, assim, ambígua e aberta, dependendo da relação que os cuidadores têm para com ele/ela." (Policarpo, 2022b: p.344)

Começam, entretanto, a surgir alternativas a esta categorização. "O termo "animal companheiro tenta contrariar a perpetuação de um olhar sobre os animais como propriedade e com valor utilitário" (Irvine e Cilia, 2017: p.3). Nas palavras de Policarpo (2022b), "em vez de cumprirem um papel instrumental de fazer companhia, são vistos como companheiros pertencendo a espécies também elas companheiras, (Haraway,2003), parceiros na co-construção de um mundo comum." (Policarpo, 2022b: p.244). Afastando-se da ideia de que

animais de companhia seriam inferiores na hierarquia sociozoológica, apresentados pelos sociólogos Arluke & Sanders (1986), sobretudo nas sociedades que vivem no paradigma judaico cristão, e valorizando-os, nas palavras de Irvine (2004): "a categoria "animais-companheiros" propõe, assim, uma maior paridade entre humanos e não humanos" que partilham o espaço doméstico, vivências e quotidianos, estabelecendo dinâmicas dignas de estudo. (Irvine, 2004: pg.58)

Neste sentido, Policarpo (2022b) levou a cabo um estudo com uma amostra 30 homens e mulheres, entre os 21 e os 66 anos, residentes na área metropolitana de Lisboa onde os animais foram espontaneamente incluídos, junto com os familiares e amigos mais íntimos, no círculo de mais intimidade do indivíduo. "Esta importância dada aos AC´s, como membros das redes pessoais, junto com outros indivíduos que também formam a família, pode revelar uma fluidez na relação íntima entre humanos e não-humanos" (Policarpo, 2022b: p.346-347).

No mesmo sentido, citando Haraway (2013), Casanova & Cortês (2022) afirmam que se anteriormente o cão ficaria fora da casa desempenhando uma função de vigilância, nos dias de hoje ele pode ocupar o espaço mais íntimo das nossas casas: as nossas camas. Neste sentido, o AC é aquele que não comemos e que não tem propósito para além de nos fazer companhia; participa nas festas da família e está totalmente integrado no dia a dia, no quotidiano familiar (Casanova, 2020; Dapra & Casanova, 2022).

As novas dinâmicas vivenciadas numa família multiespécie, vem tendo cada vez mais destaque na formação da sociedade, uma vez que o número de cães e gatos a partilharem ecossistemas domésticos integrados em agregados familiares tem vindo a aumentar acentuadamente em Portugal nos últimos anos acompanhando a tendência Europeia (Dapra & Casanova, 2020). Segundo as estatísticas europeias oficiais que referimos na introdução desta dissertação, em 2023 a população de animais-companheiros na Europa era constituída da seguinte forma: existiam mais de 129 milhões de gatos (129,113.4), mais de 100 milhões de cães (106,364) seguidos de aves (psitacídeos entre outras aves) no valor total de 51,740.2 (ou seja, mais de 50 milhões), 29.905.1 pequenos mamíferos - destes furões, ouriços, texugos,

entre outros - mais de 22 milhões de peixes (22,653.2) e mais de 12 milhões de tartarugas e répteis (12,048.9)[4]

Em paralelo, em pesquisa publicada em 2015 pela Growth from Knowledge [5], percebeu-se que a "consideração que os AC's recebem nos lares portugueses ultrapassa a ligação funcional, estabelecendo-se uma conexão emocional", tendo o não humano deixado de ser considerado um 'cão de guarda' ou apenas um 'animal na residência', passando a ser entendido como 'membro da família', 'filho' ou 'amigo' (Dapra & Casanova 2020: p. 49, Policarpo, 2022a: p.411).

É neste sentido que a família multiespécie começa a surgir como sendo um tipo de família contemporânea (Casanova & Cortês 2022), uma vez que exigir qualquer outra característica – que não a senciência - como a inteligência, a racionalidade ou a agência (ver Declaração de Cambridge sobre a Consciência, 2012), para se estabelecerem limites de consideração moral aos animais não humanos, seria uma marcação arbitrária (Singer, 2010; Casanova, 2020).

No caso das famílias multiespécies compostas também por pessoas em processo de envelhecimento, estas merecem bastante respaldo académico, uma vez que, para além das questões que envolvem a convivência íntima com o AC, estas pessoas vão sentido perdas que acompanham o seu próprio processo de envelhecimento (Casanova & Cortês 2022).

Ainda, a pertinência do tema também ganhou palco quando se observou que em Portugal são muito poucos os estudos que investigam como se dão e quais são os impactos da relação entre pessoas em processo de envelhecimento e AC's, dentro de um mesmo ecossistema familiar. E mais uma vez relembramos que Portugal, como outros países da Europa, é um país com crescente número de idosos e, ao mesmo passo tal usualmente acompanha, um crescente número de AC's dentro das casas.

[4] https://www.statista.com/statistics/453880/pet-population-europe-by-animal/ (consultado Fevereiro de 2025).

[2] Growth from Knowledge, disponível em https://www.gfk.com/press/portugal-e-um-pais-pet-friendly(idem) (Consultado em Janeiro de 2025)

Esta escassez de investigação sobre o tema em Portugal pode ser facilmente percebida por uma simples pesquisa pelo tema "Idosos e animais de companha", no sistema b-on, na Biblioteca *on line* do ISCSP, tendo sido necessário beber de outras fontes, para além da Sociologia, como a da Antropologia , a da Psicologia e do Direito, para investigar o tema numa visão multidisciplinar. E de facto, há um conjunto de cientistas sociais (sociólogos, antropólogos, psicólogos, juristas) que trabalham com as mesmas perguntas embora com objetivos diferentes: os campos de *Animais e Sociedade*, da *Antropologia multiespécie* ou dos *Animais terapeutas* (mais comum na área do Serviço Social) são vastos e, é claro, o *entanglement* ou emaranhado existente entre vários papéis nestes diferentes campos disciplinares. De todas estas visões, resultam conclusões holísticas e que não viram as costas a outras especialidades. Já lá vai o tempo em que a Sociologia estava agarrada a um *imperialismo social* (Catton & Dunlap, 1978) e simplesmente pensando em factos sociais, desprezando conhecimentos de outras ciências que são essenciais para a própria sociedade humana como é o caso das Leis Ecológicas do planeta, das leis da entropia entre outras (Catton & Dunlap, 1978). A interdisciplinaridade é de facto uma característica deste campo vastíssimo (Arluke & Sanders, 1996; Casanova e Cortés, 2022).

Sendo a família uma estrutura dinâmica constituída pela influência das características dos seus indivíduos e do meio externo, uma unidade familiar depende do vínculo afetivo e da solidariedade entre os seus membros. Assim, a motivação para a pesquisa deste tema também nasceu da importância das famílias e, nas palavras de Pereira (2017) "destas como um organismo sobretudo mais social do que biológico ou civil, e que gira em volta do afeto e da cultura." (Pereira, 2017: p.12).

Supõe-se, portanto, que os AC's exerçam uma função importante na vida das mulheres em processo de envelhecimento, uma vez que, neste período das suas vidas, se verifica e a alteração de seus papéis sociais e o impacto de perdas – que pode causar certo isolamento. Todos esses fatores contribuem para reduzir a rede de suporte social da idosa que se vai tornando cada vez mais intersticial. Há muitos indivíduos em processo de envelhecimento que

se colocados perante uma solidão constante, muitas vezes podem ser alvo de estresse e até de efeitos traumáticos (Costa et al. 2009: p.6).

Nomeadamente, fatores como isolamento social, menor ou maior suporte social e a solidão afetam a qualidade de vida relacionada à saúde em mulheres idosas, sendo que estes três conceitos distintos influenciam de maneiras diferentes o bem-estar delas. Nas palavras de Freak-Poli, Ryan, Tran, Owen, McHugh Power, Berk, & Byles, (2021), "enquanto o isolamento social pode induzir a mulher a sentimentos de desconexão e afetar negativamente sua saúde física e mental, a solidão tem sido associada a diversos problemas de saúde, incluindo depressão, ansiedade e declínio cognitivo." (Freak-Poli et.al., 2021: p.4). Assim, quanto maior o suporte social da mulher, ou seja, a convivência com amigos, vizinhos, família, filhos e cônjuge, maior será sua qualidade de vida a medida que envelhece.

Estes fatores de isolamento social, menor ou maior suporte social e a solidão, além de se complementarem, têm impacto de recortes como estado civil, nível socioeconômico e condições de saúde física da mulher; ou seja, "podem influenciar para mais ou para menos a qualidade de vida da mulher em processo de envelhecimento a depender de seu contexto de vida" (Freak-Poli et.al., 2021: p.5).

Neste sentido, um vínculo emerge na relação entre um AC e uma mulher em processo de envelhecimento, quando se verifica que a função de companheirismo de um AC está presente no quotidiano dessas mulheres, conforme demonstra o estudo feito em Portugal intitulado "Processos de envelhecimento em Portugal: Usos do tempo, redes sociais e condições de vida" (Cabral, Ferreira, Silva, Jerónimo, & Marques, 2013), neste, apesar de não haver qualquer referência ao género dos indivíduos estudados, afirmou-se que "40,5% dos(as) inquiridos(as) alegaram tratar ou passear com um AC no seu tempo livre" (Cabral et al, 2013: p.188).

O processo de envelhecimento é um "processo que é construído, e que está inter-relacionado com uma complicada rede de fatores sociais, psicológicos, económicos, físicos, e culturais entre outros" (Costa et al, 2009: p.188). A interação de todos estes fatores transforma o processo de envelhecimento num "fenômeno acentuadamente heterogêneo e

individualizado, que não deixa de ser influenciado pelos padrões históricos e culturais de uma sociedade" (Costa et al, 2009: p.189).

Cabral et al (2013) defendem que as "representações que cada indivíduo constrói do processo de envelhecimento – do seu e dos outros – resulta não apenas das suas vivências, mas também de atitudes globais construídas pelas próprias sociedades." (Costa et al, 2009: p.189). Tal contribui para o bem-estar no dia a dia bem como para projeções sobre o futuro, podendo dar origem a perspectivas mais positivas ou pessimistas sobre esta etapa da vida.

Esta etapa da vida do envelhecimento também é marcada pelos papéis de género vividos ao longo da vida, que serão marcadores sociais na velhice, contribuindo para que homens e mulheres percebam o processo de envelhecimento de forma distinta, já que, neste contexto de desigualdade de género, a mulher idosa "suporta dupla estigmatização: por ser mulher e por idosa" (Salgado, 2002: p.7).

Como ilustração desta realidade, aproveitamos as conclusões de um estudo realizado com 22 idosos, entre homens e mulheres, que demonstrou que "para homens o processo de envelhecimento está associado à palavras como 'dependência' e 'experiência', enquanto que para as mulheres, o processo de envelhecimento está ligado à palavras como 'rugas' e 'solidão'", (Daniel F, Simões T, & Monteiro R, 2012: p.20), ratificando que existe uma estereotipia de género também na velhice.

Estes marcadores sociais de género, ainda existentes na família contemporânea, que exigirão da mulher que equilibre as funções de cuidadora dentro da família e de profissional no mercado de trabalho, e, ainda, que mantenha uma aparência física dentro de um padrão imposto pela sociedade. Estes marcadores refletem também que durante o processo de envelhecimento, usando as palavras de Gullette (2022: p.08), a sociedade veja o envelhecimento feminino com uma narrativa de declínio, associando as mulheres idosas a ideias de fraqueza ou irrelevância.

Neste contexto de marcadores sociais de género, vale lembrar que as mulheres são dominantes no movimento pelos direitos dos animais. Uma razão para isso pode constituir-se

como o fato das mulheres se identificarem mais com os AC's do que os homens, o que os teóricos argumentam estar relacionados com a localização estrutural das mulheres dentro da ordem doméstica (Peek, Nancy, and Charlotte, 1996). A identificação com animais comonaheiros pode aumentar a preocupação que as mulheres têm para com eles e criar uma ligação entre género e direitos dos animais, como defende Sarmicanic (2007).

Mulheres e homens também expressam pontos de vista diferentes sobre a forma como sentem o luto pela perda de seu AC. Em um estudo de Gage e Holcomb (1991) sobre a percepção dos casais sobre a perda de um AC, 40% das esposas sentiram que a perda de um animal de estimação foi extremamente perturbadora em comparação com apenas 28% dos maridos (Sarmicanic, 2007).

Para além da influência dos marcadores de género, o processo de envelhecimento das mulheres vai ainda, em certa medida, ser sentido com algum nível
de solidão mais acentuado do que o dos homens. Isto pois, alguns estudos revelam que ao se comparar os conceitos de solidão e qualidade de vida de homens e mulheres em processo de envelhecimento, as mulheres relataram sentir mais solidão que os homens (Singh & Kiran 2013).

Antes de avançar neste enquadramento teórico, importa referir que a propósito da escolha de conceitos, os conceitos de "cuidador" ou "animal-companheiro" por nós escolhidos centram-se no fato de não vermos os não humanos – à semelhança de alguns autores desta área de investigação - como uma mercadoria ou propriedade dos "donos". No mesmo sentido, é importante referir que a escolha do termo "animais-companheiros" ou "AC´s" se dá porque estes não são apenas um elemento de decoração, de trabalho, para fazer companhia combatendo o aborrecimento, tendo a função de desenvolver uma relação próxima, afetuosa e emocional com o humano (Amiot & Bastian, 2015).

Por "ecossistema doméstico" entendemos toda a zona que é ocupada dentro da casa da mulher mas também jardins (se for o caso, haverá mulheres que têm que levar os cães várias vezes por dia ao jardim ou a passeios pela rua), o caminho até ao veterinário ou a janela

onde o gato fica a olhar para quem passa (ver Dapra & Casanova 2020; Dapra 2023, Halall, 2023 entre outros autores).

Citando Haraway (2003), Policarpo (2022b), vem dizer que "as famílias multiespécie e as relações que se estabelecem entre animais humanos e não humanos contribuem para diminuir as fronteiras entre diferentes espécies." Policarpo (2022b:344). Na família multiespécie, entretanto, "o caráter excecional do humano é colocado no centro desta família multiespécie, que também integra animais não humanos" (Policarpo, 2022b: p.358) - o que não deixa de ser uma visão que se aproxima do paradigma do excepcionalismo humano, o velho paradigma sociológico (Catton & Dunlap, 1978), pelo menos no estudo desta autora (Policarpo, 2022b).

O reconhecimento dos AC's como seres capazes de troca de afeto e solidariedade familiar encontra barreiras neste paradigma do excepcionalismo humano, (Catton & Dunlap, 1978) que, nas palavras de Casanova & Cortés (2022): traz uma visão da natureza enquanto recurso, enquanto mercadoria que está disponível para ser explorada, não tendo valor próprio ou intrínseco e sendo vista apenas como um produto de valor instrumental, que é vantajoso ou necessário para a espécie escolhida - a humana – num contexto determinado (Casanova, 2020). Esta visão implica que os não humanos não têm o mesmo valor que os humanos, não obstante o novo paradigma ecológico (que se opõem ao dualismo cartesiano) já ter emergido no século passado e ter mudado ideias, concepções, atitudes e visões mais conservadoras e tradicionais (Casanova & Cortés, 2022). Porque a Sociologia já não está de costas voltadas para as outras ciências (Cantton & Dunlap, 1978), e este campo conhecido em muitos países como "*Animals and Society*" está, para a maior parte dos seus autores perfeitamente dentro dos ensinamentos da Declaração de Cambridge (2012) sobre a consciência dos não humanos (Casanova & Cortés, 2022) e da própria Sociologia (e.g. Charles & Davis, 2008).

Sobre esta visão do paradigma do excepcionalismo humano (Catton & Dunlop, 1978) – que impede que humanos dividam com os não humanos o centro da família - Sanders (2020) argumenta que, de acordo com a tradição mais conservadora, alguns sociólogos (e.g., Perrow

2000) ignoraram ou desacreditaram a existência da relação entre humanos e os AC's, tal como negaram toda a influência de variáveis biológicas, ambientais e ecológicas na Sociologia.

Entretanto, as leis da entropia, as leis ecológicas e outras essenciais para manter os ecossistemas mundiais saudáveis - visto que são estes que dão suporte à vida na terra - e os inúmeros movimentos sociais nas décadas de 60 e 70 sobre a questão dos pesticidas e como a sua toxicidade entrava no ciclo de vida, fez com que os barómetros da opinião pública não fossem sociólogos, mas biólogos (ex. Rachel Carson, autora da "A Primavera Silenciosa"). Muitas destas razões (pesticidas e toxicidade) preocupavam genuinamente a sociedade norte-americana e estavam espelhados na "escada social" (sendo os indivíduos mais pobres, do ponto de vista ambiental, os mais prejudicados). A Sociologia como referem Catton e Dunlap (1978) que anteriormente só se interessava por factos sociais (a tradição Durkheimiana) – tenha começado a sentir-se obrigada, já no final do século passado a se afastar de paradigmas assentes em pressupostos irrealistas, e portanto do paradigma do excepcionalismo humano que assentava em falsos pressupostos, afirmando por exemplo que os recursos eram infinitos.

Nos dias de hoje, as preocupações cada vez maiores das sociedades sobre as alterações climáticas, os fenómenos climáticos extremos, o extractivismo, a subida do nível do mar, a destruição de ecossistemas, as queimas de enormes extensões florestais e as suas consequências para os ecossistemas e para as próprias pessoas e restantes animais já não passam despercebidas: vejam-se os inúmeros movimentos sociais que surgiram até no nosso país. Deste a *Animal* à *Quercus*, passámos a movimentos sociais nas quais algumas destas organizações nem chegam: veja—se o caso contra as minas de lítio nas covas do Barroso (Saleth & Varov 2013). onde as máquinas entraram no final de Abril de 2025, em terras classificadas como terreno agrícola nacional. Há alguns anos houve também a propósito de jurisdição discutida na AR que envolvia animais, uma gigantesca manifestação em Lisboa.

Durante anos, nas terras do Barroso estas populações lutaram conta o envenenamento dos ecossistemas onde vivem e rejeitaram todas as contrapropostas. Neste momento, a mina da Borralha está em semi-funcionamento e a mina projetada para destruir as aldeias de Carvalhais, Salto e Morgade ainda não iniciou sequer a sua atividade. Os atrasos têm vindo

das populações que intercedem com providências cautelares. Contudo, em Covas do Barroso já entraram as máquinas sendo que as populações locais tentam impedir a passagem das mesmas com maquinaria agrícola. O cada vez maior envolvimento e preocupação societal com a natureza e os ecossistemas é uma realidade até porque muitos se veem parte dessa natureza e sabem que não podem viver sem a mesma.

Olhemos por exemplo para os movimentos sociais "animalistas" como a radical *Animal Liberation Front* que destroem sítios de reprodução de arminhos, furões, que destroem laboratórios danificando propriedade privada: o seu objetivo máximo soltar este tipo de animais para além de cães, gatos, primatas e muitos outros animais que estão a ser alvo de experimentação agressiva e altamente invasiva. A Sociologia não deve estudar o que leva às formações de organizações como a PETA (*People's Ethical Treatment for Animals*), organização que começou por ser inglesa mas que neste momento é internacional estando espalhada por todo o mundo, e com um total de mais de 9 milhões de sócios[6]? Se Sociologia não o fizer, não acompanhará este movimento social internacional composto por mais de 9 milhões de pessoas. Outras ciências sociais o farão.

Portanto a importância e as dinâmicas entre humanos e não humanos (pelo menos ao nível que aqui tratamos que são os animais companheiros) são muito diferentes desde há 30 anos para cá, como as próprias famílias. Estas relações evoluíram e as suas dinâmicas, interações e quotidianos partilhados exigem uma atenção séria dos sociólogos tendo o potencial de estimularem a agregação da sociologia das trocas íntimas, e também de aumentar os campos de alcance onde a sociologia pode chegar tornando-se visível. Estes fenómenos que circulam à volta da chamada indústria animal que vai desde dietas específicas, a coleiras e roupas para não humanos fêmeas e machos, medicação, *grooming* entre outros aspectos faz com que por exemplo em países como o Brasil, entre outros da América Latina os não humanos sejam passeados na via pública em carrinhos de bebé, cada um vestido de sua cor. A Bolívia é semelhante mas as razões estão mais ligadas às concepções do mundo dos

[6] https://www.peta.org/about-peta/#:~:text=PETA's%20Mission%20Statement,million%20members%20and%20supporters%20globally. (Consultado em Março de 2025)

Aymara e dos Quechua (os dois grupos étnicos do país) e que acreditam que todos os seres que vivem na pachamama nasceram da mesma e têm tanto direito à vida como os seres humanos. A Bolívia é o único país que consegui transformar rios, lagos, montanhas, planícies e Parque nacionais em património da humanidade para tentar salvar o mesmo das garras dos interesses extractivistas de terceiros[7].

De forma semelhante, a propósito dos problemas ambientais, a Sociologia e a generalidade das ciências sociais entraram tarde em algumas problemáticas: como no caso das alterações climáticas, que têm origem capitalogénica, ou seja, nesta época geológica atual (Holoceno) e, portanto, têm origem na forma como os humanos veem e usam o planeta: recursos, mercantilizando a natureza, o tempo, o espaço, em locais importantes para extrativismo que destrói os ecossistemas de que dependemos (Catton & Dunlap, 1978). Vivemos num sistema social, político e económico que é hegemónico: o capitalismo. As ciências sociais, por no século passado (Catton & Dunlap, 1978) não terem sequer em conta, o conceito de escassez de recursos, olharam para as comunidades como não vivendo em ecossistemas e não tendo que obedecer às leis do planeta (Catton & Dunlap, 1978). Há no entanto alguns autores que defendem que 6 dos 9 limites do planeta já foram ultrapassados (Rocktsöm et al. 2024).

No mesmo sentido, e numa visão multidisciplinar e de ciência cidadã, o debate filosófico animalista é especialmente influenciado por filósofos como Peter Singer, à luz das obras Libertação animal (1975) e Ética prática (1979), que abordou escolhas alimentares, métodos de pesquisa e reflexões sobre o impacto no bem-estar animal, meio ambiente e saúde humana; e por Jeremy Benthan (1748 – 1832) que questionou: "O problema não consiste em saber se os animais podem raciocinar; tampouco interessa se falam ou não; o verdadeiro problema é este: podem eles sofrer?" (Singer, 1975: p.05)

Como referido por Catton e Dunlap (1978), a Sociologia foi obrigada a abandonar o paradigma do excepcionalismo humano e a adoptar o novo paradigma ecológico para acompanhar os seus objetos de estudo: as sociedades, que se preocupam com as alterações

[7] https://whc.unesco.org/en/list/967/ (consultado em Março de 2025)

climáticas, com os desastres ambientais, o nuclear, os movimentos ambientalistas, e mais tarde as chamadas questões animalistas, entre outras temáticas.

No caso dos não humanos temos um processo semelhante: já são estudados por sociólogos embora, como já referimos, continuarem a existir resistências por parte de sociólogos mais conservadores. Tal significa que, enquanto sociólogos, deixamos escapar aspectos societais que são importantes componentes da realidade atual e por isso também diminuímos a nossa área de influência na sociedade.

Neste sentido de construção dos nossos paradigmas sociais, nas palavras de Torres (1993) a existência das ciências sociais e seu papel nas sociedades contemporâneas distingue estas, de forma radical, das sociedades tradicionais. Os saberes destas ciências vão sendo incorporados sempre mais tarde no plano institucional do que existentes nas próprias sociedades e, através da mediação dos diferentes "peritos" (sociólogos, economistas, psicólogos, juristas, etc.), vêm a ter efeitos diretos e indiretos na vida social e individual.

Voltando ao nosso tema de forma mais direta, o suporte social prestado pelos AC's às pessoas em processo de envelhecimento, pode ser comprovado através de estudos que se debruçam sobre os efeitos da Terapia Assistida por Animais (TAA) na qualidade de vida em idosos, na partilha de quotidianos e companheirismo. Nas palavras de Vasconcelos, Azevedo, Casanova, Jardim, Neto, Jardim e Viegas (2021):

> "são enumeradas algumas das áreas em que cientificamente está comprovado o papel dos não humanos na melhoria do bem-estar e até da saúde dos humanos: efeitos terapêuticos da TAA, (Terapia Assistida pelos Animais) relacionando-a à diminuição da ansiedade, atraso no surgimento da demência, aumento da auto-eficácia e à capacitação de enfrentamento de problemas e estimulação do sistema nervoso simpático (o que levaria a uma maior segregação de endorfinas)" (Vasconcelos et al, 2021: p. 02-03).

Os efeitos terapêuticos da TAA, contribuem, nas palavras também de Chandler (2011), "para maior a sensação de bem-estar e até maior envolvimento em atividades e melhoramento do humor" (Chandler, 2011: p.17). Nas palavras de Vasconcelos et al. (2021):

> "A presença de um animal-companheiro pode aumentar a interação entre pares e estimula aspetos cognitivos, como a memória, a linguagem, a atenção, melhorando assim a qualidade de vida (Fine, 2010). A simples visita de não humanos a uma unidade de saúde mental no nosso país, duas vezes por semana durante alguns meses, com pessoas em processos de envelhecimento e algumas já com demência, contribuiu para o bem-estar dos pacientes e atrasou o desenvolvimento dos casos de demência". (Vasconcelos et al, 2021: p. 02-03)

Neste processo de envelhecimento, alguns idosos entendem que viver sozinhos é uma forma de manter sua autoestima e independência; entretanto, a solidão pode resultar de um certo isolamento social que decorre da falta de interação com a família e os amigos (Brenner & Shelley, 1998: p. 04).

No caso de mulheres idosas que vivem sozinhas, estas constituem, como referido anteriormente, um grupo socialmente ainda mais vulnerável, especialmente suscetível ao isolamento social devido à falta de suporte e relacionamentos (Kim & You 2024).

Entretanto, considerando que o processo de envelhecimento também vai apresentar, em certa medida, aspectos positivos, nas palavras de Kim. et.al. (2024), pois mesmo que a solidão tenha impactado negativamente a saúde e o bem-estar das participantes, contribuindo com uma deterioração física e mental da mulher, estas demonstram ter resiliência e forte apego à vida, agarrando-se às experiências e aspectos positivos.

Com o objetivo de avaliar se o isolamento social, o suporte social e a solidão seriam conceitos interdependentes e como cada um se relacionaria com a qualidade de vida relacionada com a saúde das mulheres, Freak-Poli et al. (2021) conduziram um estudo com 10.517 mulheres australianas com idades entre 70 e 75 anos, participantes do *Australian Longitudinal Study on Women's Health* e concluíram que, "dentre os três fatores analisados, a solidão é o fator que está mais associado à uma pior qualidade de vida. Mulheres que não eram isoladas nem solitárias e que possuíam alto suporte social apresentaram os maiores pontuação de qualidade de vida relacionada à saúde, em comparação com aquelas que eram isoladas, tinham baixo suporte social e se sentiam solitárias." (Freak-Poli et al.,2021: p.4)

Embora a literatura sobre a ligação e fronteiras entre humano e animal não humano estar se tornando mais extensa (Casanova 2020), pouco se fala sobre a dinâmica da interação social entre humanos – especificamente mulheres- e animais de estimação. De referir que no universo das chamadas "donas de casa", a pessoa responsável pelos cuidados primários do animal de estimação é usualmente a mulher (Sarmicanic, 2007).

2 Metodologia

2.1 Pesquisa bibliográfica

Tentámos quer ao nível da pesquisa bibliográfica quer ao nível da pesquisa de campo perceber se a convivência com os AC's dentro do ecossistema doméstico traria impacto na vida da mulher e na formação contemporânea da família, uma vez que nas palavras de Weber, M. (1949, p.7) tarefa do sociólogo é desenvolver, com base em tipos ideais, uma compreensão analítica da ação social e da realidade histórica.

A pesquisa bibliográfica foi realizada presencialmente na biblioteca do ISCSP e por várias ferramentas online: o catálogo bibliográfico e várias bases de dados facilitados também pela biblioteca do ISCSP (ex. JSTOR, B-ON), nas quais pude ler, catalogar e consultar toda a informação coletada, sem, contudo, esgotar o tema dentro da Sociologia. O Goggle scholar foi também um excelente motor de busca de trabalhos científicos.

Desde já importa referir que mesmo seguindo o cronograma senti bastante dificuldades em colocar um ponto final à pesquisa bibliográfica. Mas, como refere Bernard (2006), "a pesquisa bibliográfica não pode se prolongar indefinidamente, sob pena de atrasar a investigação" (Sampieri, Collado & Baptista Lúcio, 2017: p.3).

2.2 Método e técnicas de pesquisa

Sendo que o nosso método foi o qualitativo, as técnicas usadas foram igualmente qualitativas: entrevista semi-estruturada e observação.

Inicialmente, pretendia-se o apoio de clínicas veterinárias da cidade de Lisboa para se encontrar mulheres, que se encaixassem no recorte do estudo. Nas cartas enviadas às clínicas, por e-mail, constaram informações sobre a pesquisa, explicando seu contexto e objetivo e a sua metodologia. Foi também anexada uma declaração de consentimento, na qual foi descrita a pesquisa de forma resumida, demonstrando que a participação das mulheres na investigação seria anónima e confidencial. Os nomes das participantes e dos AC's ou episódios que pudessem facilmente identificar algum AC ou alguma mulher não seriam incluídos na pesquisa, de forma a manter a privacidade de certos comportamentos entre tutores e AC. Foi, ainda, escrito que as participantes que poderiam desistir em qualquer fase da pesquisa, tal como em cima descrito.

Queríamos que as informações sobre a pesquisa fossem disseminadas pelos profissionais das clínicas veterinárias, através dos seus contatos profissionais, às mulheres que exibissem nas características pretendidas. Infelizmente, depois de muitos meses de espera não foi possível contar com a participação de nenhuma das clínicas e hospitais veterinários, ao contrário de outros estudos (Dapra & Casanova, 2020; Hallal, 2023).

Resolvemos, então, 'recrutar' estas mulheres usando uma amostragem não probabilística, especificamente a amostra bola de neve, (Bernard, 2006; Payne, 2014; Vinuto, 2014; Sampieri et al., 2017) uma vez que já se conhecia 2 senhoras a viverem com AC's. Apesar do estudo ter abrangido cães e gatos que convivessem como AC's de mulheres em processo de envelhecimento, a maioria das entrevistadas se assumiu como cuidadoras de gatos (*Felix domesticus)*.

Não foi observado um motivo especial aparente para as mulheres tivessem optado por conviver com gatos, todavia isso pode ser justificado pelas palavras de Policarpo (2022b), uma vez que, "nem todos os animais de companhia são iguais, entre a mesma espécie, a pertença a uma raça define seu valor extrínseco para os humanos. E, entre espécies, cães e gatos estão à frente de coelhos, porquinhos-da-índia, pássaros, ramsters, peixes e outras espécies como invertebrados." (Policarpo, 2022b: p.343).

A execução da amostragem em bola de neve construiu-se da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes (as duas senhoras já previamente mencionadas), a fim de localizar mais pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral, tendo finalmente entrevistado um n de 9 mulheres no total. Tendo em conta que a natureza do presente estudo dificilmente nos permitiria uma grande amostra do universo em questão tempo em conta o tempo disponível, optamos por, sempre que possível fazer todas as entrevistas que podíamos e simultaneamente, gerir a ansiedade que eventualmente surgia quando íamos espreitando para o N de entrevistas já conseguidas.

Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável: nem todos os cuidadores ou cuidadoras de cães e gatos têm os seus animais-companheiros "chipados", pelo que mesmo existindo uma lista, esta representaria provavelmente apenas aqueles inquiridos que têm dinheiro para "chipar" o seu animal-companheiro, e a divulgação dos nomes dos tutores representaria uma falta de confiança entre a clínica e os mesmos. Assim as sementes ajudaram a pesquisadora a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, foi solicitado que as pessoas indicadas pelas sementes indicassem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o "quadro de amostragem vai crescendo a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador" (Payne, 2014:p.413).

Trata-se de um tema sobre o qual esta investigadora se sente confortável e próxima, uma vez que, em pese não ser mulher em processo de envelhecimento avançado, é mulher conhecedora das dificuldades postas ao género na sociedade patriarcal e é cuidadora de um animal-companheiro, um gato chamado de Romeu, que lhe é tido como "filho" e, portanto, "membro da família".

Esta proximidade íntima com o objeto de estudo, é cara à técnica bola de neve, pois esse tipo específico de amostragem também é útil para estudar questões delicadas, de âmbito privado e, portanto, requer o conhecimento das pessoas pertencentes ao grupo ou de pessoas

reconhecidos por estas para localizar informantes para estudo (Payne, 2014; Vinuto, 2014, Sampieri et al., 2017).

Neste sentido, é importante que se utilizem técnicas qualitativas para estudar populações ou grupos difíceis de acessar, o que se alinha com a técnica da bola de neve, recrutando-se participantes através de referências, ou seja, a partir de indicações de outros participantes (Becker 1986; Sampieri et al 2017).

Foi neste contexto que, como técnica de recolha de dados que foram realizadas entrevistas semi-estruturadas entre os meses de março a junho de 2024, sempre que possível, dentro do ambiente doméstico da entrevistada e, sempre com sua autorização expressa. Com intuito de gerar reflexão e lembranças, foram realizadas algumas perguntas abertas sobre, mas não se limitando à formação e rotina do agregado familiar e qual é a função de cada membro que o compõe. O objetivo era entender como é a relação de afeto, troca de vivências, dependência emocional e cooperação familiar da mulher com o AC. Como referido anteriormente, todas as participantes foram informadas que não haveria quaisquer prejuízos para ao AC' (tratava-se de um estudo não invasivo) sendo que se os AC's estivessem presentes poderiam ser observados na forma como reagiam às cuidadoras e à sua voz, como ambos interagiam. Mas não era imperiosa a participação dos AC's uma vez que o estudo segue a perspectiva e visão da mulher em fase de envelhecimento, e não a perspectiva do AC que pode ser analisada através do seu comportamento social.

A confidencialidade e anonimato obrigatórios dos dados também foi informada às participantes no estudo, sendo as entrevistas identificadas no trabalho –através de nomes falsos, não sendo mencionados aspetos ou episódios que permitam a identificação das mesmas ou dos AC's.

Ao realizarmos as entrevistas (ver guião das entrevistas no Apêndice I), a concentração no guião da entrevista embora permitindo-lhe alguma flexibilidade tentava dirigir as respostas para o assunto investigado

Relativamente à ética e deontologia científica, antes de ser iniciada cada entrevista, foi lido e entregue à entrevistada um Termo de Consentimento, que explicava todas as etapas

do estudo, que informava que era um estudo voluntário, confidencial e anónimo (os nomes das entrevistadas não surgem em qualquer sítio desde trabalho nem dos AC's que poderiam ser reconhecidos por alguma história contada). Foram assim protegidos o anonimato e a confidencialidade não apenas dos dados bem como a própria identificação de ambos os membros da díade. No texto da Declaração de Consentimento existia uma pequena secção que pedia a autorização da gravação para ser incluída no software de tratamento de dados mas nunca para ser transmitida, obviamente. Todas as entrevistadas assinaram seus respetivos Termos de Consentimento (ver Apêndice II), que foram arquivados pela investigadora tendo ficado as inquiridas com a sua própria cópia.

Todas as participantes, enquanto cuidadoras foram informadas que não haveria quaisquer procedimentos invasivos no que dizia respeito aos AC's e que estes seriam apenas observados, caso estivessem no ambiente (o ecossistema doméstico) - nunca sendo manuseados pela inquirida.

Tendo em conta preocupações éticas, todas as entrevistadas assinaram uma Declaração de consentimento (ver Apêndice II) e aquelas que quiseram saber das conclusões do estudo deixaram o seu contato para que no fim do trabalho pudessem receber algum *feedback* do mesmo. Após a discussão da tese será dado *feedback* a todas as inquiridas que o solicitaram e só então todas as informações sobre as mesmas serão destruídas.

2.3 Tratamento de dados

Face à técnica da entrevista semi-estruturada, os dados foram introduzidos via gravação em formato Mp4 fazendo-se o upload no software ATLAS.TI. Os dados coletados estando gravados em áudio, transcritos, e salvos em documentos de *word* separados (foram nomeados de 1 a 9, considerando o número de entrevistas realizadas) foram então

Introduzidos no software através de e ficheiros gravados em formato de MP4. Contudo fiz questão de ouvir a gravação de cada entrevista com todo o cuidado e o hábito da transcrição não me impediu de a fazer (fiz cópias das transcrições). Contudo, depois de ter obedecido a este protocolo, emergiram categorias, tópicos e conceitos (tendo em conta o N de vezes que são mencionados) que surgem normalmente associados a outros, facilitando a análise de conteúdo (Barry, 1998; Muhr, 1991; Kapolkas & Radivojevic, 2022). A análise das narrativas nos dias de hoje está bastante facilitada com este tipo de softwares mas preferi, como anteriormente referido, passar todas as entrevistas para uma forma textual com receio de perder alguma entrevista, talvez por falta de confiança por ter ouvido histórias de dados perdidos em cartões que por alguma razão deixaram de funcionar.

Para a codificação dos documentos, foram comparados os objetivos específicos com as falas das entrevistadas, tendo sido criados 22 (vinte e dois) códigos, 199 (cento e noventa e nove) citações e 4 (quatro) redes., com o objetivo de se responder à pergunta de partida e aos objetivos do estudo.

As entrevistas foram realizadas seguindo a ordem das perguntas expostas no guião previamente elaborado (Ver apêndice I). Para além do tratamento via ATLAS.TI e respectivos gráficos claramente identificados, usados também outros gráficos (estatística descritiva) de forma a diversificar a apresentação dos dados tornando-a menos monótona.

3 Resultados

Neste capítulo serão apresentados os dados recolhidos através de entrevistas realizadas com mulheres em processo de envelhecimento, ou seja, com 65 anos ou mais, moradoras de Lisboa, e que convivem com animais-companheiros, nomeadamente, cães ou gatos, dentro do agregado familiar.

3.1 O processo de envelhecimento das mulheres moradoras de Lisboa e o impacto da convivência na sua casa (o ecossistema diário) com AC's.

As 9 (nove) entrevistas realizadas para colheita de dados qualitativos foram sistematizadas em 22 (vinte e dois) códigos, 199 (cento e noventa e nove) citações e 4 (quatro) redes.

Nesta Ilustração I (Apêndice C), quer-se demonstrar que 3 códigos se destacam ao representar esta relação entre mulher em processo de envelhecimento e AC, que convivem dentro do mesmo ecossistema doméstico, pois estes 3 códigos apareceram em todas as entrevistas e em 180 citações, representando 91% do total de 199 citações.

Estes códigos foram: i) comunicação entre mulher e AC, ii) convivência íntima com AC dentro do ecossistema doméstico e iii) troca de afeto mútuo entre mulher e AC, destacados, respectivamente, em vermelho, azul e amarelo, no gráfico de rede na Ilustração I (Apêndice C).

Eles, ainda, aparecem como causa de impactos positivos codificados como: a) Diminuição da percepção de solidão, que aparece em 10% das citações totais, b) fortalecimento dos lares familiares, que parece em 5%, c) contribuição para autoestima, que aparece em 20% das citações totais.

Portanto, a Ilustração I (Apêndice C) demonstra que estes 3 códigos se apresentam como os principais e pilares da relação entre a mulher e o AC, se complementando ou associando entre si, sendo, em certa medida, consequência um do outro e, ainda, sendo causa da relação de outros códigos.

Para responder à pergunta de partida, portanto, todos os 22 códigos criados se relacionam às perguntas do guião, ou seja, cada código se relaciona à uma pergunta ou a um grupo de perguntas do guião de entrevistas, que buscou entender como seria o impacto da convivência das mulheres em processo de envelhecimento com estes AC´s dentro do mesmo ecossistema doméstico.

Ao se criar uma rede com tais códigos, pôde-se perceber que as respostas se associam, fazem parte ou são causa uma da outra, uma vez que os impactos desta convivência íntima estão imbricados ou emaranhados.

Por exemplo, o código nomeado de “Troca de afeto mútuo entre mulher e AC” aparece como ´causa´ dos códigos: “Contribuição para a autoestima da mulher: mulher se sente necessária e importante”, “Representação do AC: membro da família”, “Diminuição da percepção de solidão”, “Convivência íntima dentro do ecossistema doméstico” dentre outros. Aparece, ainda, associado ou fazendo parte dos códigos “Função AC: fazer companhia” e “Comunicação entre mulher e AC” - que aparecem, ambos, por sua vez, associados um ao outro.

A Ilustração I (Apêndice C) ainda pode demonstrar os impactos negativos encontrados nas citações retiradas das entrevistas. Os principais impactos negativos foram: “Despesa financeira”, “Menos mobilidade para viajar”, “Quando morre o AC (luto)” e “Medo de morrer e deixar o AC sem cuidados”. Todas as citações que indicam os impactos negativos representam 15% das citações totais.

Tais aspectos negativos são causados, como demonstra a Ilustração I (Apêndice C), pelos 3 códigos ´pilares´ da convivência entre mulher e AC, quais sejam: comunicação entre mulher e AC, convivência íntima com AC dentro do ecossistema doméstico e troca de afeto mútuo entre mulher e AC, e serão melhor destrinchados quando da análise dos objetivos específicos do estudo.

Outro pilar que a Ilustração I (Apêndice C) traz em destaque é o código “Fazer companhia”, que aparece em 47 citações, sendo 25% do total de citações. Este código, que demonstra a função do AC na visão da mulher, está associado às representações do AC para a mulher, como “filho”, “pessoa” e “membro da família”, e ao código “Convivência íntima com AC dentro do ecossistema doméstico”. Ainda, aparece como fazendo parte da troca de afeto mútuo entre mulher e AC e estando associado às “Comunicação entre mulher e AC” e “Diminuição da percepção de solidão”.

Por fim, ainda na Ilustração I (Apêndice C), é possível perceber que o código “Maior dependência emocional na velhice” é causado pelos 3 pilares citados: comunicação entre mulher e AC, convivência íntima com AC dentro do ecossistema doméstico e troca de afeto mútuo entre mulher e AC. Ainda, está associado ao fato da mulher ter medo de morrer e

deixar vivo o AC e, portanto, aparece como uma das causas do aumento da autoestima da mulher; e como consequência do luto experimentado pela mulher quando o morre o AC.

3.2 Na visão da mulher, a interação com os AC 's causa impacto na sua qualidade de vida: seu bem-estar, humor, autoestima e menor estresse.

Os dados coletados foram separados em 3 (três) códigos que melhor representam, em associação aos demais, qual é, na visão da mulher, o impacto causado pela convivência íntima com o AC em sua qualidade de vida, nomeadamente em seu bem-estar, humor, autoestima e menor estresse, são estes códigos: "Aumento da disposição física da mulher", "Contribuição para a autoestima: mulher se sente necessária e importante" e "Contribuição para humor e bem-estar".

Destes 3 códigos, extrai-se 89 (oitenta e nove) citações das mulheres sobre o impacto causado pela sua convivência íntima com o AC dentro do ecossistema doméstico. Tais códigos podem ser associados e comparados entre si, bem como ligados a outros códigos para indicarem qual é o impacto no humor, bem-estar e autoestima da mulher quando convive intensamente com o AC dentro do mesmo ecossistema doméstico.

Na Ilustração II (Apêndice C), queremos demonstrar que o aumento da disposição física da mulher que convive com o AC e o aumento de sua autoestima, humor e bem-estar são causados pelos 3 códigos pilares da relação entre mulher e AC, quais sejam: comunicação entre mulher e AC, convivência íntima com AC dentro do ecossistema doméstico e troca de afeto mútuo entre mulher e AC, que também estão correlacionados entre si.

Especificamente sobre o impacto negativo nomeado de "Medo de morrer e deixar o AC sem cuidados", a Ilustração II (Apêndice C) demonstra que ele se contradiz com o código "Contribuição para humor e bem-estar"; ou seja, a angústia experimentada pela mulher quando pensa que pode vir a morrer antes do seu AC e deixá-lo sem cuidados, pode contradizer o impacto positivo que a convivência dela com o AC causa em seu humor e bem-estar; da mesma forma que o impacto negativo nomeado de "Menos mobilidade para viajar"

pode contradizer o impacto positivo na convivência entre mulher e AC, nomeado de "Aumento da disposição física da mulher".

A Ilustração II (Apêndice C) também demonstra que o impacto negativo de "Medo de morrer e deixar o AC sem cuidados" está associado ao impacto positivo de "Contribuição para autoestima: mulher se sente necessária e importante", uma vez que há este medo de morrer antes do AC, porque a mulher se sente a cuidadora mais essencial para a mantença do bem-estar daquele vulnerável (AC), o que a faz resgatar sua importância diante da própria vida.

3.3 Qual é o significado e função dos AC's para as mulheres em processo de envelhecimento, ou seja, como os veem, e que representações exercem?

Os dados coletados foram separados em 6 (seis) códigos que melhor representam, em associação aos demais, qual é, a função do AC no ecossistema doméstico e qual é o papel que representa, na visão da mulher, quais sejam: "função AC: fazer companhia", "Representação do AC: amigo", "Representação do AC: filho-neto", "Representação do AC: membro da família", "Representação do AC: pessoa", "Troca de afeto mútuo entre mulher e AC".

Destes 6 códigos, que podem ser associados e comparados entre si, bem como ligados a outros códigos, extrai-se 127 (cento e vinte e sete) citações das mulheres sobre a função e representação do AC no ecossistema doméstico.

A Ilustração III (Apêndice C) demonstra que a função que os AC´s têm no ecossistema doméstico, bem como as representações que ali exercem estão associadas ou são consequências dos 3 códigos pilares da relação entre mulher e AC, quais sejam: comunicação entre mulher e AC, convivência íntima com AC dentro do ecossistema doméstico e troca de afeto mútuo entre mulher e AC, que também estão correlacionados entre si.

Por exemplo, a mulher entende o AC como membro da família por causa da convivência íntima entre ela e o AC e por causa do afeto mútuo entre eles. Este status de "membro da família" conferido ao AC também está associado com a comunicação havida

entre mulher e AC dentro desta convivência intensa e com a função que ele exerce para ela de fazer companhia.

É, portanto, possível vislumbrar na Ilustração III (Apêndice C) que a maior função do AC no agregado familiar, qual seja, a função de fazer companhia está associada com a forma como este animal é visto pela mulher, ou seja, se é considerado filho, neto, amigo ou membro da família.

Esta função de fazer companhia faz parte da troca de afeto havida entre mulher e AC e da convivência íntima entre eles, bem como está associada à comunicação entre AC e mulher dentro do ecossistema doméstico.

3.4 Compreender se na visão da mulher, a convivência com os AC's diminui a solidão e fortalece a rede de apoio favorecendo um certo suporte social (até mesmo com outros membros do agregado familiar).

Os dados coletados foram sistematizados em códigos que melhor representam, em associação aos demais, se a convivência íntima na mulher com AC, dentro do mesmo ecossistema doméstico tem o poder de diminuir a percepção de solidão e fortalecer a rede de apoio desta mulher.

Na Ilustração IV, mais uma vez, os 3 códigos pilares da relação entre mulher e AC, quais sejam: comunicação entre mulher e AC, convivência íntima com AC dentro do ecossistema doméstico e troca de afeto mútuo entre mulher e AC, que também estão correlacionados entre si, aparecem como causa ou associados à diminuição da solidão percebida pela mulher durante o processo de envelhecimento e ao fortalecimento de laços familiares ou outras redes de apoio.

Por exemplo, a Ilustração IV (Apêndice C) demonstra que a dependência emocional que a mulher tem com o AC, que faz parte de uma maior dependência emocional na velhice, é causada pela convivência intensa entre ambos dentro do ecossistema doméstico e também pelo afeto mútuo havido entre eles; assim como a diminuição da percepção da solidão

também é consequência desta convivência íntima e da troca de afeto entre eles no ambiente doméstico.

Já a função de fazer companhia, que está associada com a comunicação havida entre mulher e AC, aparece também como causa de maior dependência emocional da mulher para com seu AC e como causa da menor diminuição da solidão.

Portanto, a Ilustração IV (Apêndice C) traz que existe uma ligação proporcional entre a diminuição da solidão e da maior dependência emocional na velhice: quanto menos a mulher se sente solitária por conviver intensamente com o AC, mais dependente emocionalmente ficará desta relação.

4. Discussão

4.1 Respondendo à pergunta de partida: Durante o processo de envelhecimento das mulheres moradoras de Lisboa, qual é o impacto da convivência no ecossistema diário com AC's?

> "Com a chegada dela, mudou tudo. Quando uma pessoa está sozinha, nós não conversamos, acordamos, quase não falamos; e quando acordamos com um animal, começamos logo a conversar, não é?! Por mais que não queiramos, logo interagimos. Eles são tudo pra nós, são como família. Eles se entregam para nós." (Entrevistada 6)

Este Capítulo merece ser iniciado com a citação acima, pois ela bem representa, conforme se demonstrará a diante, que o impacto da convivência entre mulher e AC, que partilham o mesmo ecossistema doméstico, foi, em sua maioria positivo para o processo de envelhecimento da mulher, destacadamente para o aumento de seu bem-estar e de sua auto-estima e diminuição da perceção de solidão.

Entretanto, antes de nos atermos aos principais aspetos positivos desta convivência, não quero deixar de apontar os poucos aspetos negativos trazidos pelas entrevistadas, uma vez que eles estão também associados ao afeto e cuidado que a mulher tem para com o AC.

O medo das entrevistadas de perder seu AC para a morte pôde ser vislumbrado nas citações abaixo, corroborando com as palavras de Policarpo (2022b), de que o luto é uma parte importante para a ultrapassagem da perda de cuidadores ou AC's, e as fases e os processos de luto por um animal de companhia não diferem assim tanto das dos humanos (Policarpo, 2022a: p. 416):

> "Eles são como se fosse membros da família. É difícil imaginar perdê-los; seria como um luto." (Entrevistada 4)
>
> "Perdê-la tem sido o processo mais doloroso que já passei. Não há esquecimento possível, e tento não falar dela." (Entrevistada 6)

A citação "Demorei 40 anos para adotar um animal, porque me entristeci muito com a morte de um cão na juventude", da Entrevistada 1, ilustra também nas palavras de Policarpo (2022) que a "perda por morte de um animal é também um fator crítico e até traumático na constituição das memórias da infância." (Policarpo, 2022, p: 416).

As citações "O dia que ela se for, acho que eu morro.", da entrevistada 1, e "Não sei o que será de nós quando ela falecer", da Entrevistada 2, ambas mulheres casadas, com menos de 70 anos, e com filhos e netos que convivem costumeiramente em suas residências, corroboram com o contributo de Policarpo (2022a) que, citando DeMello (2012), vem dizer que a "dor da perda por um animal de companhia é maior entre aqueles que têm maior ligação emocional ao animal, entre os que têm menos apoio e compreensão por parte das outras pessoas e entre aqueles que atravessam outros eventos estressantes da sua vida (ex. um divórcio, outra morte, perda de emprego). Por outro lado, não parece ser maior entre os que não têm filhos (quando comparados com os que têm), ou entre aqueles que só têm um animal (quando comparados com os que têm vários)." (Policarpo, 2022a: p. 416).

Ainda sobre os aspectos negativos da convivência das mulheres em processo de envelhecimento com seus AC´s, algumas citações demonstraram que as mulheres disseram ter menos mobilidade para viajar e se ausentar do lar por se sentirem responsáveis pelo AC:

> "Vou a excursões de apenas 2 dias, e nunca mais viajei por dias seguidos, porque tenho os gatos e tenho que pensar neles." (Entrevistada 4)

> "Depois da pandemia passei a parar de viajar, por causa delas, mesmo se a vizinha puder vigiar. Não sei por que, mas minha filha convida-me para viajar e digo que não quero, sem explicar muito, mas não quero deixar as gatas." (Entrevistada 7)

Estas citações vão ao encontro às palavras de Policarpo (2022a) que refere que nos agregados familiares multiespécie "inúmeras decisões são tomadas pelos humanos em função dos seus animais, das suas condições de saúde e fase do ciclo de vida: em que casa viver (com jardim, com varanda, vivenda ou apartamento etc.), que carro comprar (com espaço, com grade etc.), ir de férias ou não, levar ou não levar o animal, onde e com quem deixá-lo" (Policarpo, 2022a: p.410-411)- aspectos estes que Dapra & Casanova (2020) já haviam descrevido detalhadamente para o caso das aves de companhia na relação com os cuidadores.

A diante, na busca por responder ao primeiro objetivo específico deste estudo, é possível verificar que, apesar dos poucos aspectos negativos apontados, na visão das mulheres entrevistadas, a interação com os AC´s tem um impacto significativo na sua qualidade de vida, abrangendo aspetos como melhoria do humor, redução do estresse, diminuição da solidão, conforto emocional e contribuição para uma rotina mais ativa**,** como nos exemplos:

> "P. é minha filha. Sou eu quem cuido dela: dou banho, corto pêlo, vou à clínica com ela, tenho os cartões de vacina e saúde, tenho tudo dela." (Entrevistada 3)

> "Dou comida a eles penha manhã e pela noite. Eles fazem carinho e fazem festa." (Entrevistada 4)

> "M. ajuda na minha saúde, até na questão nervosa, porque tem a parte afetiva, ne?!... ela faz festinha, da beijinhos, faz carinho... M. me dá compromissos e me ajuda a não parar." (Entrevistada 5)

> "Levanto e faço tudo pra ela." (Entrevistada 9)

Este impacto na mobilidade destas mulheres, é considerado positivo, uma vez que mulheres idosas que vivem sozinhas são consideradas em maior risco de solidão, depressão e diminuição de mobilidade (Aday, Kehoe & Farney, 2006).

Isto nos remete às palavras de Chandler (2011) de que a interação com os AC 's causa impacto na sua qualidade de vida das pessoas, em seu bem-estar, humor, autoestima e menor estresse, atingindo uma sensação de bem-estar e até maior envolvimento em atividades.

Vasconcelos et al. (2021) também havia nos trazido que cientificamente está comprovado o papel dos não humanos na melhoria do bem-estar e até da saúde dos humanos. Os pacientes, faziam fila para passear ao cão e se não houvesse respeito pela fila isso gerava discussões. Sem se aperceberem estavam a caminhar com o cão e portanto a fazer exercício que normalmente não faziam.

A conexão entre os humanos e os AC's é benéfica para saúde mental dos humanos, porque os animais desempenham um papel vital na promoção emocional e no bem-estar. (Sarmicanic, 2007), o que também pôde ser verificado nas citações:

> "Antes da chegada do A., sentia-me triste, tava mesmo deprimida, tinha depressão e fui ao médico." (Entrevistada 2)
>
> "Minha vida mudou desde que P. chegou. Ela me traz alegria e bem-estar." (Entrevistada 3)

Tais falas corroboram com o estudo de Johnson (2023) que indicou que embora a simples presença de um gato possa não elevar significativamente os níveis de ocitocina nas mulheres, interações qualitativas e afetuosas podem ter um impacto positivo na resposta hormonal das mulheres, fortalecendo o vínculo humano-animal e promovendo o bem-estar.

Nesta convivência íntima, nas palavras de Serpell (2018: 17-31), os AC's condicionam o quotidiano dos cuidadores e, para com eles, existem relações afetuosas e quase "personificadoras", o que pôde ser vislumbrado nas citações:

> "Adotei a segunda gata, porque M. se sentia muito sozinha. Ela passou por um problema de saúde e a outra gata pensava: 'o que será que ela tem?' E lhe dava beijinhos!" (Entrevistada 7)
>
> "Eles percebem quando as pessoas estão tristes. B. ladra quando alguém chega perto de mim. Não sei se é ciúmes ou se é para me proteger, mas acho que é para me proteger." (Entrevistada 9)
>
> "Falo! Falo! Eu falo sempre como ele: anda cá, A! A J. vai fazer compras e não demora. Está tudo bem." (Entrevistada 2)

Neste cenário, quanto mais a convivência é íntima, refletindo-se na comunicação, maior é a construção do afeto mútuo, sendo o AC entendido como tendo personalidade própria e desejos:

> "Eu dava a minha vida à minha cadelinha, ela compreende quando a gente está triste ou quando estamos doentes. Tive um problema respiratório e P. ficava deitada, chorando, próximo a mim. Enquanto estive debilitada, se eu chamasse pelo meu marido e ele não ouvisse, P. o chamava para mim. Aquela cadelinha é como se fosse um ser humano naquela casa. É só alegria" (Entrevistada 3)
>
> "Se eu me sentar à frente da televisão, ela se senta logo no meu colo. Mas tem que ser a hora que ela quer." (Entrevistada 5)

Tais falas das entrevistadas corroboram com o contributo de Dapra & Casanova (2020) e Casanova & Cortés, (2022) e de Policarpo (2022a) que defende que "uma das características que distingue os animais de companhia é o facto de serem percebidos como indivíduos, isto é, como sujeitos com uma personalidade própria e única." (Policarpo, 2022a: p.411)

Estes AC´s co-constroem com os humanos uma relação significativa de afeto, independentemente de laços de parentesco (Dapra & Casanova 2020; Casanova e Cortés, 2022), o que pôde ser visto nas citações:

> "Ela foi a melhor coisa da minha vida. Uma companheira de 15 anos." (Entrevistada 6)
>
> "Antes delas, tive 2 gatas que foram registradas com o nome da família: J. da Silva e R. da Silva. Elas só não têm o nome da família, porque já vieram com o nome" (Entrevistada 6)
>
> "O melhor é chegar em casa e saber que há alguém a nossa espera." (Entrevistada 7)

As entrevistadas afirmaram que se comunicam com seus AC's e, para Serpell (2016), esta comunicação é "uma das formas de tutores e AC reforçarem as suas relações, embora afirme que tal como as amizades entre humanos podem ter limites, as entre cães ou as entre cães e humanos também têm essa característica". (Serpell, 2016: p.30):

> "Se não tem a comida na tigela, ele dá-me sapatadas ou puxa-me os cabelos, e diz: 'vamos a comer.'" (Entrevistada 2)
>
> "Falo! Falo! Estou sempre a falar com ele! Quando eu saio, ele se despede; e quando eu chego, dá-me boas-vindas. Não sei se toda gente é assim com os gatos, acho que meu gato é único" (Entrevistada 2)

Tais respostas corroboram o que a Sociologia vem descobrindo já algum tempo: que os AC's são vistos como membros da família, fazendo parte de sua estrutura e rotina (Charles e Davies, 2008) e, certo é que, esta convivência íntima poderá gerar impactos na sociedade contemporânea.

Este comportamento, nas palavras de Policarpo (2022a), reflete o fato de que "os animais de companhia são também olhados pelos seus donos como sujeitos imbuídos de agência (Charles e Davies, 2008): os seus comportamentos são entendidos como intencionais, com os donos assumindo-se como seus intérpretes, de sentimentos e ações." (Policarpo, 2022a: p.410).

Isto pôde ser observado no presente estudo através das seguintes citações:

> "Eu converso com P. como se fosse uma pessoa. Ela entende tudo que falam com ela: quando chamam para comer, para tomar banho, para dormir e para brincar. Ela não gosta de laços, mas gosta de roupinhas." (Entrevistada 3)
>
> "A minha relação com meus gatos é íntima e eles me entendem. Eles têm miados diferentes para indicar o que querem." (Entrevistada 4)
>
> "Eu me comunicava com ela e ela entendia o que era falado com ela. Ela sabia se comunicar quando pedia ajuda, principalmente quando ficou doente." (Entrevistada 6)
>
> "Ela percebe as coisas, mas é importante usar as palavras diretas." (Entrevistada 8)

A diante, na tentativa de responder ao segundo objetivo específico deste estudo, foi possível perceber que, num contexto de ecossistema familiar, as mulheres em processo de envelhecimento veem os seus AC's como membros da família, nomeando-os de "filhos", "netos", "amigos" ou "pessoa", conferindo-lhes um papel emocional profundo, e indicando em suas citações 2 (duas) principais funções que o AC teria no ecossistema doméstico: fazer companhia e trocar afeto mútuo com a mulher.

Esta afirmação é passível de ser comprovada através das citações diretas:

> "A minha relação com ela é super íntima. É como se fosse uma neta pequena" (Entrevistada 1)
>
> "Hoje só tenho 2 filhas, as gatas. Eu falo e me comunico com elas." (Entrevistada 7)

Tais falas corroboram, o estudo realizado por Dapra e Casanova (2020), que nos trouxe que as preocupações com o bem-estar dos não humanos e a atribuição de papéis sociais aos mesmos foram reconhecidos por 90% dos cuidadores que os viam como indivíduos, com a sua própria personalidade e como membros de pleno direito da família.

Citações das entrevistadas como "Vivemos assim em família." e "Eu e meu marido a consideramos membro da família.", respectivamente das Entrevistadas 8 e 1, corroboram com as palavras de Sanders (2020) de que os indivíduos frequentemente entendem as suas conexões de afecto e companheirismo com os AC via a definição de membros da família (Cain 1983; Voith 1983).

Uma das entrevistadas, entretanto, demonstrou insegurança ao classificar o papel que teria o AC dentro do seu ecossistema doméstico:

> "É como se fosse, sei lá, meu filho não, mas, pronto, tenho mais amizade ao gato do que às pessoas da família." (Entrevistada 2)

Sobre esta insegurança em classificar o AC, Policarpo (2022b) vai nos dizer que "esta inclusão dos animais nos anéis mais próximos dos mapas pessoais não é nem automática, nem feita sem ambivalências" (Policarpo, 2022b: p.358), uma vez que, mesmo com a proximidade e aumento destas relações, não se vê uma diminuição da hierarquia entre as espécies.

Assim, nas palavras de Policarpo (2022b), "estes animais de companhia parecem conservar o seu estatuto liminar, percebidos como estando em transição ou na fronteira entre ser um de nós; e um outro." (Policarpo, 2022b: p.358)

Independente da forma como são nomeados pelas mulheres, entretanto, nesta partilha de tempo conjunto, cuidadoras e AC criam uma rotina de atividades diárias a que ambos se habituaram. Os cuidadores cuidam, acariciam, alimentam, e chegam até a conversar com os AC's e a incluí-los em programas específicos de dias de feriados e outros rituais como o Natal, aniversários ou a Páscoa, por exemplo (Alger and Alger 1997, Dapra & Casanova 2022 mais autores?). Tal é perceptível em afirmações como:

> "Ela dorme no meu quarto, mas na caminha dela. No verão dorme na cama dela, mas no inverno dorme na minha. Não conseguimos tirar ela da cama; parece um bebê a dormir no pé na gente. Se não puder levá-la para viagens, não vou." (Entrevistada 2)

> "Sou só eu e ela. Vou com ela para toda à parte." (Entrevistada 9)

> "Sempre a levo para viagens, principalmente para o Algarve." (Entrevistada 6)

Neste sentido, este estudo vai ao encontro a investigação também com pessoas em processo de envelhecimento, na qual Suthers-McCabe (2001) referiu que a companhia é o maior benefício citado pelos idosos que partilham o seu quotidiano com AC's. No estudo (Suthers-McCabe, 2001), pelo menos 70% destes indivíduos com mais de 65 anos, e cerca 90% no total, referem que acariciam e abraçam diariamente os AC's que partilham o seu ecossistema doméstico.

Neste mesmo sentido, no que diz respeito à função de companhia exercida pelo AC, as entrevistadas disseram que:

> "Vivo com as gatas, porque sou eu que vivo com elas!" (Entrevistada 7)

> "Em outras fases da vida, tinha menos tempo disponível para estar com os animais, que acabavam por ficar mais sozinhos, mas hoje tenho mais tempo disponível para cuidar deles." (Entrevistada 8)

> "Tenho alguns vizinhos com quem convivo, mas no dia a dia convivo mais com a B. do que com outras pessoas. Levo-a para os Cafés que vou." (Entrevistada 9)

Tais afirmações destacam a função do AC em fazer companhia à mulher, mas também desta mulher se fazer sempre acompanhar pelo AC, mesmo como parte integrante da rotina familiar. Este resultado corrobora o estudo de Policarpo (2013), realizado em Portugal que, na tentativa de entender as relações pessoais dos portugueses, tentou responder qual seria o lugar e a importância dos amigos no mapas de relações pessoais. Resultados apontaram que "os animais foram espontaneamento incluídos no mapa de relações afetivas, nos círculos mais próximos, junto com familiares e amigos mais íntimos." (Policarpo, 2022a: 423)

Os resultados encontrados neste estudo também corroboram com o contributo de Spencer e Pahl (2006), quando afirmaram que "identificaram em suas pesquisas cinco tipos principais de comunidades pessoais, que estão fundadas em: 1) amigos; 2) família; 3) vizinhos; 4) cônjuges/parceiros; ou 5) profissionais, sendo que os grupos fundados em amigos, família e vizinhos carregam consigo a característica essencialmente de laços afetivos - e não de laços consanguíneos ou de parentescos ou profissionais." (Spencer e Pahl,2006: p.8)

Este vínculo afetivo criado entre a mulher e o AC, pode ser ilustrado através da citação "Os meus gatos não são criados à Deus dará. Tenho muita preocupação.", da Entrevistas 4. Esta airmação vai ao encontro ao estatuto moral dos animais sencientes já amplamente debatido em estudos inúmeros estudos (ver Declaração de Cambridge, 2012 para resumo), uma vez que este ampara a ideia de que, se cães e gatos são animais sencientes, capazes de transmissão de afeto e cooperação dentro da unidade familiar e, consequentemente, construir um vínculo, o facto de serem de espécie não humana não pode ser uma justificativa para não lhes conferir laços afetivos ou títulos dentro da família.

Caso contrário, estariamos presente o preconceito de especismo definido como um "preconceito ou atitude de favorecimento dos interesses dos membros de uma espécie em detrimento dos interesses dos membros de outras espécies" (Singer, 2010: p.4). É uma ideologia que, comparada ao racismo e ao sexismo, defende a existência ou não de moral e consideração aos serem sencientes unicamente com base em sua espécie, e não na capacidade de expressão de afeto.

Na sequência, o terceiro e último objetivo específico do estudo, era compreender se na visão da mulher, a convivência com os AC's diminui a solidão e fortalece a rede de apoio favorecendo um certo suporte social - até mesmo com outros membros do agregado familiar.

À medida que envelhecem, as mulheres reconfiguram suas relações pessoais com outras pessoas: filhos, marido, vizinhos, família extensa e colegas de trabalho. Por causa disso, "o papel dos laços íntimos entre humanos e não-humanos pode assim ser determinante para a (re)configuração da rede pessoal e do que se entende por família" (Policarpo, 2022a: p.414).

Isto pôde ser visto em afirmações como:

> "Hoje a gente é mais dependente dos bichinhos do que antes. Quando eu era jovem, tinha mais afazeres e pessoas por perto, era apenas um bicho, amava e cuidava, mas não tinha essa relação. A relação muda nas fases da vida, somos dependentes." e
>
> "Tenho irmã, primas, primos e filhos dos primos, mas nunca os vejo. Meu gato está a fazer as vezes da família que eu tinha, e que eu gostava (da fulana... da cicrana...)" e
>
> "Hoje temos uma entrega maior, quer dizer, estamos mais carentes de afeto, porque temos os filhos longe e, ainda que seja uma mulher muito ativa, não recebemos tanto aquele carinho, não é?!", que temos quando somos mais jovens e temos marido e filho.", respetivamente das entrevistadas 1, 2 e 6.

Aqui foi possível perceber que estas mulheres perderam conexões sociais enquanto envelheciam, ou seja, filhos saíram de casa, maridos faleceram, amigos se afastaram, e os AC's

ocupam esse espaço emocional e social, como se fossem um substituto das presenças humanas perdidas.

Este exercício de colocar o AC como substituto da relação social que a idosa antes tinha diariamente com filhos, maridos e parentes, acontece porque, nas palavras de Singh & Kiran (2013), sofrer de solidão significa que algumas partes importantes na vida das pessoas estão faltando, algo tem que ser encontrado para substituir as partes faltantes.

É neste sentido que, na tentativa de diminuir os efeitos da solidão sentida nas suas vidas diárias, que os idosos experimentam alguns encontros interpessoais, como exemplo esta relação íntima construída com um AC, que têm o potencial de afetar seu bem-estar emocional (Rook, 2001).

As citações das mulheres em processo de envelhecimento ouvidas neste estudo, corroboram com a afirmação de Silva (2023), que, citando (Hajek e König, 2020), afirma que "os idosos com cães, sobretudo, as mulheres, apresentaram-se menos isoladas socialmente e menos solitárias do que as mulheres sem animais de companhia." (Silva, 2023: p.42)

Um dos dados de destaque da investigação intitulada The pet connection: Pets as a conduit for social capital? (Wood, Giles-Corti e Bulsara, 2005) revela que "os donos de animais de companhia, quando comparados com outros sem AC's, não apresentavam dificuldades em conhecer outras pessoas, numa proporção de 74,5% face a 62,6%". (Wood, Giles-Corti e Bulsara, 2005: p.6)

Numa categorização de animais de companhia: animal necessário, animal sonhado e animal inesperado, Policarpo (2022b) nos diz que "os animais também surgem como necessários devido ao seu papel de apoio emocional, que pode converter-se em verdadeiro suporte terapêutico" (Policarpo, 2022b: p. 349), o que pode ser vislumbrado na citação

> "Ela me traz calma. Eu sou uma pessoa agitada, e quando ela se deita em mim e ronrona e da beijo, é como se fosse uma terapia de tratamento, me deixa relaxada e calma." (Entrevistada 1)

Esta citação demonstra ainda que no caso da relação das mulheres entrevistadas com seus AC´s, estes não humanos ocupam, de forma transversal, as três categorias citadas, mas destacando que, quando ocupam a característica de "animal necessário" o faz apenas exercendo um serviço de companhia e apoio psicológico, e não para um serviço mecânico e instrumental.

Entretanto, há um aspecto profundo e notável que chamou atenção no estudo, na visão desta investigadora: o quanto a convivência com o AC acaba por aumentar da autoestima das mulheres, que já não se sentiam importantes perante a vida; o que acaba também por cumular com outro aspeto positivo: o aumento da vontade de viver destas mulheres já idosas, ou seja, aumento do desejo de se manterem vivas e ativas, por se sentirem necessárias na vida de outro ser que depende quase que exclusivamente delas (AC).

Esta importância que as mulheres dão a elas mesmas dentro da relação com seu AC está ligada ao ato de cuidar:

> "Fiz uma cama para ela, com travesseiro. Sinto que ela não gosta de ficar sozinha, e cuido dela com o maior amor.";
>
> "Ele é como eu: tem a comidinha que gosta"; e
>
> "Na minha ausência ela sofreria, pois está habituada a ganhar as coisas."; respectivamente das entrevistadas 1, 2 e 5.

"Esta relação baseada no cuidar não é, entretanto, unilateral. Antes, trata-se de um acto recíproco" (Policarpo, 2022a: p.415). Citando Fudge (2002), Policarpo (2022a), vem dizer que "por um lado, os humanos tomam os *pets* sob a sua proteção. Por outro, os próprios animais cuidam dos seus cuidadores humanos, com destaque para o apoio emocional e a companhia." (Policarpo, 2022a: p.415-416). Portanto, esta inclusão dos AC como membros da família ou rede de afetos está mais próxima e ligada ao apoio e ao ato de cuidar.

Analisando-se as entrevistas, foi possível perceber que quando elas se relacionam intimamente, dentro do ecossistema doméstico com um AC, esta relação afetiva que constrói

com ele vem atingir o cerne desta questão, colocando a mulher em processo de envelhecimento de volta ao patamar de sujeito necessário na vida de outro alguém. Nas palavras de Sarmicanic (2007) as formas de ligação com os AC's moldam profundamente o senso de autoestima das mulheres:

> "Na minha ausência, ela sofreria porque está habituada a ganhar as coisinhas dela, está mal habituada. Antigamente, dava-se resto de comida aos animais, hoje já não; ela escolhe o que quer. Tenho receio de que outra pessoa não cuidaria tão bem dela e, às vezes, quero que ela se vá antes de mim." (Entrevistada 5)
>
> "Levo-a às viagens para não a deixar sozinha" (Entrevistada 9)
>
> "Tenho uma filha que mora no Reino Unido e, às vezes, vou visitá-la, mas desde que os gatos fiquem bem" (Entrevistada 6)

As citações demonstram que as entrevistadas, ao exercerem o papel de cuidadoras do AC, se sentem importantes e necessárias para a manutenção do bem-estar dos AC's.

As afirmações corroboram com as palavras de Sarmicanic (2007) de que para algumas mulheres, envolver os AC's em rituais familiares fizeram com que elas se sentissem mais seguras e protegidas. Por sua vez algumas mulheres experimentam um aumento no seu nível de conforto e autoestima, por conversarem rotineiramente com seus animais companheiros.

Os AC's podem ser fonte de apoio quando o apoio humano é escasso ou totalmente inexistente. Não são necessárias habilidades sociais para suscitar a atenção dos AC's pelo que pode haver uma probabilidade reduzida de incompatibilidades entre o apoio necessário e o recebido Sarmicanic (2007).

A interação diária entre mulher e AC que dividem o mesmo ecossistema doméstico é intensa:

> "Fico a vigiar se ela comeu bem." (Entrevistada 1)

> "A mamãe já volta! Você vai ficar sozinha, mas pode ficar tranquila que daqui a pouco a mamãe está aqui. E ela levanta a carinha como quem diz: 'já entendi' ou 'já ouvi''. (Entrevistada 1)
>
> "O dia que ela se for, acho que eu morro." (Entrevistada 2)

Sobre esta interação, Sarmicanic (2007) vem nos dizer que, ao observar a interação entre mulheres e AC's, percebeu que para se assumir que as mulheres interagem simbolicamente com o seu AC, é necessário também assumir que os animais têm *self* ou que não seria necessário um *self* para se envolver em uma interação simbólica entre dois indivíduos (Casanova & Cortés, 2022).

Nesta sequência e, neste mesmo sentido, Irvine (2004) argumenta que os AC's têm *self*: a ideia de *self* como experiência mostra como os sentidos diferentes do self e do 'outro' estão presentes nos animais (Casanova & Cortés, 2022). Também mostra como o senso de si mesmo de um animal se torna aparente para nós durante a interação (Casanova & Cortés, 2022). Humanos e não humanos podem compartilhar pensamentos, intenções e sentimentos. O resultado é uma experiência de si com o outro, em oposição ao 'eu' (self) como distinto do outro.

Ao criar, portanto, uma rotina para cuidar, gerir e entregar afeto a outro ser vulnerável - o AC - a mulher em processo de envelhecimento se vê importante na vida de alguém, e fundamental para a mantença da saúde e do bem-estar daquele indivíduo; portanto, volta a entender a importância de sua existência perante à vida e perante aquele agregado familiar e é neste sentido que, nas palavras de Irvine (2004) que os animais nos ajudam a criar a identidade humana interagindo conosco como 'eu' (self) em relação a "nós".

> "Eu gosto muito dela, e tenho receio: será que fiz bem em adotá-la, porque, se calhar, vou-me embora antes dela... mas pronto. Meu filho me perguntou o que deveria fazer se eu morresse antes da gata, e eu não soube o que dizer." (Entrevistada 5)

> "Na minha ausência ela sofreria, porque está habituada a ganhar as coisinhas dela. Antigamente, dava-se resto de comida aos animais, hoje já não. Ela escolhe o que quer e tem preferências até na comida: umas gosta e outras não. Tenho receio de que outra pessoa não cuidaria não bem dela e, às vezes, quero que ela se vá antes de mim." (Entrevistada 5)

O aumento da autoestima da mulher que convive com um AC em uma família multiespécie também é percebido quando ela demonstra medo de falecer antes do AC reconhecendo que o seu animal pode ter alguma doença ou ser geriátrico.

Ora, se a mulher não se sentisse uma pessoa importante e fundamental, teria medo de falecer deixando seu AC? Nas palavras de Irvine (2004) quando os cuidadores de AC's os percebem como membros da família, eles reforçam a ideia de que são figuras centrais e necessárias na vida destes.

Highfill & Davis (2020) já concluíram que, na relação entre humanos e animais, os tutores se sentem compelidos a cuidar de seus animais devido a um senso de dever e responsabilidade, como nas afirmações das Entrevistas 1 e 4, respectivamente:

> "Coloquei na minha casa uma prateleira para ele subir e apanhar sol." e
>
> "Tenho mais responsabilidade agora que as tenho. Nunca mais viajei por 2 dias seguidos, porque tenho que pensar nas gatas."

Foi neste mesmo sentido que Douglas (2005) investigou como os comportamentos dos cuidadores refletem o seu apego aos AC's. O estudo indicou que os cuidadores que relatam maior apego tendem a incluir o cão nas atividades familiares e a fornecer certos tipos de atenção, evidenciando a percepção de serem eles (os cuidadores) necessários na vida de seus AC´s.

Da mesma forma, as entrevistadas deste estudo demonstraram que se sentem necessárias na vida do AC, quando não demonstraram medo da própria morte em si, mas sim

da morte antes do falecimento de seu AC, sendo o medo de morrer e deixar o AC desamparado, e sem os cuidados que ela julga necessários, um dos aspectos negativos encontrados como consequência desta relação íntima construída entre mulher e AC:

> "Sinto-me mais tranquila porque a minha neta gosta muito dele, e eles gostam muito um do outro, e isso deixa-me descansada. Sinto-me descansada por saber que minha neta vai cuidar dele se eu falecer. Ele não sai do colo dela." (Entrevistada 2)

Esta afirmação destaca o vínculo entre mulher e o seu AC e uma elação de apego, onde as cuidadoras se sentem responsáveis por atender às necessidades de seus AC's, reforçando o sentimento de serem necessárias para o bem-estar dos mesmos (Khalid & Dildar, 2019).

Afirmações como:

"Se não puder levá-la pra viagens, eu não vou." e

"Quando eu chego em casa, tenho ali uma pessoa. Tenho um animal, mas sinto que é uma pessoa. Converso com ela e ela está acostumada. Ela escolhe o que quer, e tem preferências até na comida: umas gosta e outras não.",

respectivamente, as Entrevistadas 1 e 5, demonstram como as cuidadoras constroem os seus papéis parentais em relação aos AC´s, se vendo-se como cuidadoras essenciais, atribuindo a si mesmas responsabilidades semelhantes às de pais humanos (Owens & Grauerholz, 2019).

A diante, para além do aumento da autoestima percebido nas mulheres que convivem com AC's, outro aspecto positivo desta convivência dentro do agregado doméstico foi o da diminuição da percepção da solidão da mulher.

Todas as entrevistadas afirmaram a solidão como fenômeno de seu processo de envelhecimento, corroborando, em comparação à cultura de outros países, com as palavras de Ryan & Patterson (1987: p.06) de que a solidão se tornou comum na cultura americana

tanto quanto o peru no Dia de Ação de Graças — principalmente para os americanos mais velhos.

Ao analisarmos os dados recolhidos e apresentados neste estudo, percebe-se que cada mulher, entretanto, experiência um nível diferente de solidão, a depender do acesso que ainda têm da família e de outras redes de apoio, como vizinhos e amigos, como por exemplo as afirmações das entrevistadas 9 e 3:

> "Ela é tudo pra mim. Ela gosta de brincar com os meus netos e de passear de trela, mas não gosta de brinquedos; só gosta de passear com a gente.", que é uma mulher com menos de 70 anos, casada e com filhos e netos que frequentam sua residência.

> "Ela é tudo pra mim. Ela gosta de brincar com meus netos e de passear de trela, mas não gosta de brinquedos; só gosta de passear com a gente", que é uma mulher de mais de 85 anos, viúva, sem filhos e que demonstra um maior nível de solidão e, consequentemente, maior dependência emocional.

É neste mesmo sentido que, nas palavras de Peplau, Miceli, & Morash, (1982), as mulheres em processo de envelhecimento não podem ser, de forma sistemática, rotuladas como solitárias, devendo a solidão ser concluída depois de analisadas pistas comportamentais e afetivas. Estas pistas são interpretadas comparando-se com o que é percebido por elas como norma de relacionamentos, pois a experiência da solidão é uma percepção social e depende das normas sociais e do nível de satisfação da mulher nas suas interações e relações.

Noutras afirmações também é possível relacionar a ausência de uma relação afetiva com um parceiro – seja pela viuvez ou pelo divórcio- com um maior nível de solidão, e consequentemente maior apego emocional da mulher para com o AC:

> "Ele é meu único amigo. Tenho uma relação de amizade muito grande com o gato, já nem é amizade, é paixão. E ele também gosta muito de mim, nota-se! Só está bem onde eu estou": Entrevistada 3, divorciada, com mais de 80 anos e filhos que frequentam pouco sua residência.
>
> "Sempre achei que os AC's nos faziam companhia em todas as fases da vida, mas agora que passou mais tempo dos meus dias com eles, Z. e L., mesmo que eles estejam a dormir, quando chego em casa, vou logo vou ver se eles estão bem.": Entrevistada 4, divorciada, com mais de 80 anos e filhos que frequentam pouco sua residência.
>
> "Contra, só quando eles ficam doentes ou morrem.": Entrevistada 1, casada, com menos de 80 anos, e filhos que frequentam muito sua residência
>
> "Perdê-la tem sido o processo mais doloroso que já passei. Não há esquecimento possível, e tento não falar dela.": Entrevistada 6, divorciada, com mais de 80 anos e filhos que frequentam muito sua residência.

Esta comparação entre viuvez e algum nível de solidão já foi corroborado em outros estudos: os idosos que viviam sozinhos eram geralmente mais solitários, enquanto os idosos que vivem com um parceiro eram geralmente menos solitários. Viver com crianças adultas fornece alguma proteção contra a solidão, mas não na mesma medida que ter uma relação afetiva com um parceiro (Peplau et al.,1982).

Noutro estudo (Azeredo, & Afonso 2016), ouviram-se 73 idosos com 65 anos ou mais do Conselho de Viseu, pessoas viúvas e divorciadas foram aquelas que referiram em maior percentagem se sentirem sozinhas. Destacadamente, houve um entrevistado, do gênero masculino, que referiu que a "pessoa mais significativa" para ele era o seu cão (Azeredo, & Afonso 2016).

As afirmações reveladas nestes estudos contribuem também para entendermos o processo de envelhecimento que de certa forma contribui para uma experiência de solidão,

mas esta não terá necessariamente um impacto negativo na vida da mulher em processo de envelhecimento, uma vez que os indivíduos vão interpretar os impactos da solidão de maneira diferente, a depender de seu contexto social e idade.

Nas afirmações referidas:

"Sou só eu e a B. Levo ela para os Cafés que vou.", da Entrevistada 9, e

"Foram meus netos que escolheram o nome dela. Ela gosta de brincar com meus netos", da Entrevistada 3,

é possível perceber que os AC´s poderão ter um papel de, nas palavras de Casanova & Cortés (2022) "lubrificante sociais" (*ice-breakers*), contribuindo para uma maior conexão das pessoas idosas com outros membros da sociedade onde estão inseridos e com a família.

Os impactos da solidão podem mudar com a idade: "para adultos mais velhos, a solidão pode ser uma experiência mais positiva e menos estressante, possivelmente servindo como um período de descanso e recuperação" (Pauly, Lay, Nater, Scott, & Hoppmann, 2016: p. 55).

Todavia, as afirmações do presente estudo mostraram-nos que quanto mais velhas as mulheres, mais elas experimentavam a solidão e mais demonstravam dependência emocional para com o AC. Portanto, este estudo vai mais ao encontro às palavras de Vozikaki et al.(2018), que, ao analisarem amostra de europeus mais velhos, destacaram que os indivíduos são mais propensos à solidão em seus últimos anos de vida, tendo em conta a sua exposição a vários fatores de riscos típicos da velhice, uma vez que várias características demográficas e eventos da vida foram associados a sentimentos de solidão.

Para além do recorte etário, as entrevistadas viúvas e divorciadas, que aqui representam 70% do total das mulheres ouvidas, demonstraram sentir-se mais sozinhas e dependentes emocionalmente dos AC's, e, nas palavras de Azeredo et al. (2016: p. 313), viúvos e divorciados são os que mais frequentemente mencionam o sentir do peso solidão.

Nas palavras de Singh & Kiran (2013), "a condição conjugal também tem um grande efeito na qualidade de vida e solidão dos idosos. Idosos casados tiveram melhor qualidade de vida e menor solidão do que divorciados e viúvos/as, sendo que especificamente, as mulheres idosas parecem sofrer mais de solidão em comparação aos homens idosos." (Singh & Kiran, 2013: p. 03-04.)

5 Conclusões

> "Ter algo a respirar além de mim, fez-me bem. Sentir ele perto de mim, deitado na cama, e sentir a respiração dele, faz-me adormecer." (Entrevistada 2)

A afirmação acima resume, de forma marcante e potente, o que foi possível perceber na análise do conteúdos das entrevistas realizadas neste estudo, que estava coerente ao nosso enquadramento teórico-conceptual: a convivência das mulheres com os AC´s contribui **positivamente** para o seu processo de envelhecimento, especificamente no que concerne às melhorias no seu humor, bem-estar e autoestima, contribuindo ainda para que elas tenham uma vida mais ativa e menos solitária, já que o processo de envelhecimento vai envolver algum nível de solidão.

De referir que as primeiras impressões sobre a interação entre mulheres e os AC's nem sempre foram precisas, mas a sensação de que as mulheres tinham formado alianças com AC's era inconfundível (Sarmicanic, 2007).

A motivação para avançar neste estudo foi, portanto, encontrar uma interseção entre gênero e relação dos animais humanos com não humanos. Seguindo este raciocínio, considerando o alto número de pessoas idosas em Portugal, acompanhando a tendência da União Europeia, decidiu-se por buscar mulheres (maior tempo de longevidade) em processo de envelhecimento e entender como se construía e desenvolvia sua relação com os AC's , e quais eram os aspectos positivos ou negativos desta troca diária dentro do ecossistema familiar.

O objetivo era estudar a Sociologia numa perspectiva de vida pessoal no que concerne às famílias multiespécies, formadas por mulheres em processo de envelhecimento (65 anos ou mais) e os s AC's que as acompanham, com ou sem outros humanos dentro daquele ecossistema.

Ao ouvir afirmações como:

> "Eles precisam da gente, mas, no fundo, a gente é que precisa deles, porque agora estamos sozinhos em casa e precisamos dela.", da Entrevistada 1,

percebi que o envolvimento de afeto diário entre mulheres em processo de envelhecimento e seus AC´s traduz uma relação íntima que se sobrepõe a interesses materiais ou funcionais, reconhecendo o valor intrínseco do AC. Neste sentido, Serpell (2018) diz que "não valoriza o cão ou gato por serviços que possam fazer por ele, ou pelo dinheiro que poderia receber se os vendesse, mas sim pela companhia em si, tal como valoriza a amizade que tem com alguns amigos humanos." (Serpell, 2019: p. 17)

Portanto, os resultados descritos neste estudo corroboram as palavras de Suthers-McCabe (2001) de que "os não humanos são companhias íntimas que não oferecem competição e podem ser amados sem o medo da rejeição". (Suthers-McCabe, 2001: p.93)

Isto porque, durante o processo de envelhecimento, as mulheres vão perdendo ou se vão afastando de amigos e familiares, diminuindo os papéis sociais que antes exerciam: se antes era esposa, hoje é viúva; se antes era mãe, hoje os filhos já são independentes; se antes era profissional, hoje é reformada; se antes tinha um vasto grupo de amigos, hoje já são escassos. Neste cenário, portanto, o AC atua como um suporte emocional, promovendo sentimentos de felicidade e pertença à mulher; atua como uma "cola" que aproxima a mulher de outros grupos sociais; e, ainda, exerce um papel de dependente vulnerável desta mulher, fazendo com que ela volte a sentir ser necessária na vida de alguém e, assim, recupere sua autoestima e vontade de viver.

Neste contexto, as mulheres relataram que na juventude os animais eram apenas "bichos de estimação" enquanto na velhice tornam-se indivíduos essenciais em sua rotina, no seu dia-a-dia, exercendo funções notáveis: de companhia, de aumento de autoestima da mulher e de propósito de vida; de maior tranquilidade e menos estresse, e, de forma paralela, estimulando interações sociais, fortalecendo elo familiares e ampliando a rede de contatos da mulher.

Foi notável perceber que ao conviverem com AC's, as mulheres se sentem menos sozinhas, seja porque aumentam sua rede de apoio ou porque a companhia do AC em si diminui sua percepção de solidão; entretanto, foi ainda mais esplêndido perceber como a autoestima e vontade de viver destas mulheres são maiores por se sentirem necessárias na vida do AC, uma vez que dentro desta relação de troca de afeto mútua, "a melhora no bem estar de um, geralmente reflete no bem estar do outro" (Serpell, 1991: p. 717).

Afirmações como:

"Estava a fazer tratamento, estava medicada, e ele fez-me bem. Perdi uma filha, me divorciei, e fui-me ao fundo. Ele ajudou-me.", da Entrevistada 2;

ilustra as palavras de Singh & Kiran (2013), de que a solidão é uma questão particularmente relevante em relação às viúvas idosas, cujas taxas de mortalidade, doença e depressão excedem as de suas contrapartes casadas, uma vez que toda mulher que perde o marido por morte passa por um doloroso período de luto, geralmente acompanhado de solidão severa.

De acordo com Singh & Kiran (2013), "a solidão é uma área de preocupação relacionada com o bem-estar das mulheres mais velhas, porque se constitui como uma causa de sofrimento emocional e está ligada a uma variedade de problemas de saúde em indivíduos mais velhos. Mudanças na vida, incluindo viuvez e realocação, estão associadas a uma maior vulnerabilidade à solidão. Fatores de gênero, sociais e culturais influenciam a experiência de solidão nas mulheres mais velhas." (Singh & Kiran, 2013: p.4).

Portanto, não foi objetivo deste estudo o apontar do aumento da presença dos AC's dentro dos ecossistemas familiares, mas sim perceber os impactos que a presença deles causaria especificamente na vida das mulheres em processo de envelhecimento. A construção do guião de perguntas partiu da suspeita de que essa interação diária da mulher com o AC iria emergir da criação de afeto e dependência emocional, principalmente considerando que o processo de envelhecimento, como referenciado acima, implica um certo nível de solidão e carência de papéis sociais que já não são mais ocupados pela mulher e, portanto, talvez, os AC's preencheriam as lacunas destas relações antigas que a idosa já não tem.

Neste mesmo sentido, é importante destacar que, nas palavras de Policarpo (2022b), citando Singly(2010), Serpell (1996) e Thomas (1983), quando se investiga este movimento social da família multiespécie, em muito se quer apontar "uma fluidez enquadrada pela importância que os afetos e os laços construídos e escolhidos têm, que vem legitimar não a presença dos animais nas famílias, pois sempre lá estiveram; nem tão pouco a relação emocional com eles, que também sempre existiu; mas antes a perceção que disso se tem, e a legitimidade social para o expressar." (Policarpo, 2022b: p. 357)

Um AC não é, portanto, apenas uma panaceia, ou seja, uma ferramenta que se usa apenas para remediar dificuldades na velhice; mas é sim uma das muitas variáveis de vida que afetam a saúde e a felicidade da pessoa idosa. Para algumas pessoas idosas, um AC pode verdadeiramente enriquecer o seu quotidiano e atenuar a sua solidão (Erickson,1985).

No que se refere ao luto sofrido pela perda do AC, nas palavras de Serpell (2019), citando Clements et al., (2003), "é amplamente reconhecido que o luto que se segue à morte ou perda de um animal de companhia pode ser igualmente grave e prolongado assim como a morte ou perda de um ente querido humano, particularmente quando é acompanhada por sentimentos de responsabilidade pela morte do animal." (Serpell, 2019: p. 26)

Considerando a longevidade das mulheres, como aqui demonstrado, bem como as transformações sociais dentro das famílias, conclui-se, portanto, que o envelhecimento não

precisa de ser visto como uma trajetória de diminuição ou perda, mas também pode ser visto como uma oportunidade para redefinir a vida (Gullette, 2022).

Nesta trajetória social, esperamos que, no futuro, possam ser aprofundados estudos e aproximações sociológicas a este tema, que buscou trazer um contributo, ainda que modesto, sobre qual é o impacto da convivência intimamente com AC´s para as mulheres em processo de envelhecimento.

É devido aos resultados de pesquisas sobre estes temas e que podem fazer a diferença para alguma população em processo de envelhecimento que alguns estudos destacam a urgência de governos e comunidades priorizarem o apoio às mulheres idosas que vivem sozinhas, particularmente durante crises de saúde pública (Kim et.al. 2024, e outros, ainda, recomendam estudos longitudinais com amostras representativas de idosos que permanecem em seus domicílios, engajados ou não em atividades sociais, para obter uma compreensão mais ampla sobre a solidão nessa população (Azeredo & Afonso, 2016).

Referências bibliográficas (APA)

Aday, R. H., Kehoe, G. C., & Farney, L. A. (2006). Impact of senior center friendships on aging women who live alone. *Journal of Women & Aging, 18*(1), 57–73. https://doi.org/10.1300/J074v18n01_05

Alger, J. M., & Alger, S. F. (1997). Beyond Mead: Symbolic interaction between humans and felines. *Society & Animals, 7*, 199–218.

Amiot, C. E., & Bastian, B. (2015). Towards a psychology of human-animal relations. *Psychological Bulletin, 141*(1), 6–47.

Applebaum, J. W., & Ellison, C. (2023). "Whoever takes the dog gets the house": How older adults negotiate, budget, and deploy resources for multispecies family health and well-being. *Social Work in Mental Health, 21*(6), 757–783. https://doi.org/10.1080/15332985.2023.2265005

Arluke, A., & Sanders, C. R. (1996). *Regarding animals*. Philadelphia: Temple University Press.

Azeredo, Z. D. A. S., & Afonso, M. A. N. (2016). Loneliness from the perspective of the elderly. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 19*, 313–324. http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150085

Barry, C. A. (1998). Choosing qualitative data analysis software: Atlas/ti and Nudist compared. *Sociological Research Online, 3*(3), 6–28.

Becker, H. S. (1986). *Tricks of the trade: How to think about your research while you're doing it*. University of Chicago Press.

Bernard, H. R. (2017). *Research methods in anthropology: Qualitative and quantitative approaches*. Rowman & Littlefield.

Brenner, H., & Shelley, E. (1998). *Adding Years to Life, Life to Years... a Health Promotion Strategy for Older People*. Dublin: National Council on Ageing and Older People

Cabral, M. V., Ferreira, P. M., Silva, P. A. D., Jerónimo, P., & Marques, T. (2013). *Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Cain, A. (1983). A study of pets in the family system. In A. Katcher & A. Beck (Eds.), *New perspectives on our lives with companion animals* (pp. 71–81). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Catton, W., & Dunlap, R. (1978). Environmental sociology: A new paradigm. *The American Sociologist, 13*, 41–49.

Casanova, C. (2020). Serão os não humanos os últimos "outros" na Antropologia? Representações sobre a superioridade humana. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 56*, 4–5. http://aleph.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/10066

Casanova, C., & Cortés, J. L. V. (2022). Multi-species anthropology: Brief theoretical perspectives: From anthropocentrism to the acceptance of the non-human subjectivity. *Antropologia Portuguesa, 39*, 27–43. https://doi.org/10.14195/2182-7982_39_2

Charles, N., & Davies, C. A. (2008). My family and other animals: Pets as kin. *Sociological Research Online, 13*(5), 13–26. https://doi.org/10.5153/sro.1798

Chandler, C. K. (2011). *Animal-assisted therapy in counseling* (2nd ed.). Routledge. https://doi.org/10.4324/9780203832103

Clements, P. T., Benasutti, K. M., & Carmone, A. (2003). Support for bereaved owners of pets. *Perspectives in Psychiatric Care, 39*(2), 49–54.

Costa, E. C., Jorge, M. S. B., Saraiva, E. R. A., & Coutinho, M. P. L. (2009). Aspectos psicossociais da convivência de idosas com animais de estimação: uma interação social alternativa. *Revista Psicologia: Teoria e Prática, 11*(3), 2–15.

Daniel, F., Simões, T., & Monteiro, R. (2012). Representações sociais do 'envelhecer no masculino' e do 'envelhecer no feminino'. *Ex Aequo, 26*, 13–26.

Dapra, A., & Casanova, C. (2020). Ele é meu filho: Sobre o significado das aves. *Estudos de Sociologia, 26*(49), 31–55. https://doi.org/10.52780/res.14293

ISCSP INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS UNIVERSIDADE DE LISBOA
U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

Dapra, A. (2023). Quando os animais de companhia não são mamíferos: o caso das aves em Portugal (Mestrado). ISCSP, Universidade de Lisboa. http://hdl.handle.net/10400.5/27205

Demello, M. (2012). *Animals and society: An introduction to human-animal studies*. New York: Columbia University Press.

Diaz, H. A. B. (2025). Multispecies family: State of the art and future directions in the Ibero-American context. *Revista Colombiana de Ciencias Sociales, 16*(1), 277–308. https://doi.org/10.21501/22161201.4872

Douglas, D. K. (2005). Benefits to pets from the human-animal bond: A study of pet owner behaviors and their relation to attachment. Disponível em Benefits to pets from the human-animal bond: a study of pet owner behaviors and their relation to attachment.

Dupluis, C. (2024). Aging with her garden: Mutual care across species and generations. *Journal of Aging Studies, 69*, 101236.

Erickson, R. (1985). Companion animals and the elderly. *Geriatric Nursing, 6*(2), 92–96. https://doi.org/10.1016/S0197-4572(85)80006-9

Farrell, B., VandeVusse, A., & Ocobock, A. (2012). Family change and the state of family sociology. *Current Sociology, 60*(3), 283–301. https://doi.org/10.1177/0011392111425599

Feeney, P. (2010). Women and animals in affiliative relationship: Healing characteristics of the animal-human bond (Doctoral dissertation). University of Maine. https://digitalcommons.library.umaine.edu/etd/1066

Freak-Poli, R., Ryan, J., Tran, T., Owen, A., Power, J. M., Berk, M., Stocks, N., Chica, D. G., Lowthian, J. A., Fisher, J., & Byles, J. (2021). Social isolation, social support and loneliness as independent concepts, and their relationship with health-related

quality of life among older women. *Aging & Mental Health, 26*(7), 1335–1344. https://doi.org/10.1080/13607863.2021.1940097

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS E POLÍTICAS
UNIVERSIDADE DE LISBOA
LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA

Giddens, A. (1991). *Modernity and self-identity: Self and society in the late modern age*. Cambridge: Polity Press.

Gage, G., & Holcomb, R. (1991). Couples' perception of stressfulness of death of the family pet. *Family Relations, 40*, 103–105.

Fudge, E. (2002). *Animal*. London: Reaktion Books.

Giddens, A. (1991). *Sociologia*. Madrid: Alianza Universidad Textos.

Giddens, A. (2003). *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora Unesp.

Gilding, M. (2010). Reflexivity over and above convention: The new orthodoxy in the sociology of personal life, formerly sociology of the family. *The British Journal of Sociology, 61*(4), 757–777. http://dx.doi.org/10.1111/j.1468-4446.2010.01340.x

Gullette, M. M. (2011). *Agewise: Fighting the new ageism in America*. Chicago: University of Chicago Press.

Hallal, R. (2023). Guardiões e cães: Construção das relações afiliativas vivenciadas em ecossistemas domésticos (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

Hajek, A., & Konig, H.-H. (2020). How do cat owners, dog owners and individuals without pets differ in terms of psychosocial outcomes among individuals in old age without a partner? *Aging & Mental Health, 24*(10), 1613–1619. https://doi.org/10.1080/13607863.2019.1647137

Haraway, D. J. (2003). *The companion species manifesto: Dogs, people, and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press.

Highfill, L. E., & Davis, M. H. (2020). Human helping of animals: What motivates it? *Human-Animal Interaction Bulletin, 8*(1), 23–34. Disponível em Human_Helping_of_Animals_What_Motivates_It.pdf

Irvine, L. (2004). *If you tame me: Understanding our connection with animals*. Philadelphia, PA: Temple University Press. https://doi.org/10.2752/089279305785594162

Irvine, L., & Cilia, L. (2017). More-than-human families: Pets, people, and practices in multispecies households. *Sociological Compass, 11*(2), e12455. https://doi.org/10.1111/soc4.12455

Jesus, S., Ventura, M., Assunção, R., Gueifão, S., Delgado, I., Rego, A., ... & Coelho, I. (2024). Study around the Barroso mine (Portugal): Baseline levels of lithium for assessing future exposure and risks from Li mining activity. *Food and Chemical Toxicology, 190*, 114825.

Johnson, E. A. (2023). How animals affect us: Examining the relationship between human-animal interactions and human well-being (Doctoral dissertation). University of Nevada, Las Vegas. http://dx.doi.org/10.34917/36114742

Kalpokas, N., & Radivojevic, I. (2022). Bridging the gap between methodology and qualitative data analysis software: A practical guide for educators and qualitative researchers. *Sociological Research Online, 27*(2), 313–341.

Khalid, A., & Dildar, S. (2019). Effect of pet interaction on stress reduction and positive mood enhancement among pet-owners and non-owners. https://doi.org/10.1079/hai.2019.0005

Kim, K. H., & You, S. Y. (2024). Experiences of elderly women living alone. *NPG Neurologie - Psychiatrie - Gériatrie, 24*(142), 221–228. https://doi.org/10.1016/j.npg.2024.04.006

Knowledge, G. (2015). Portugal é um país pet-friendly. Acedido em 20 de junho de 2023. https://www.gfk.com/press/portugal-e-um-pais-pet-friendly

Muhr, T. (1991). ATLAS/ti—A prototype for the support of text interpretation. *Qualitative Sociology, 14*(4), 349–371.

Owens, N., & Grauerholz, L. (2018). Interspecies parenting: How pet parents construct their roles. *Sociological Inquiry, 88*(2), 352–376. https://doi.org/10.1177/0160597617748166

Paloski, L. H., Schutz, K. L., Gonzatti, V., dos Santos, E. L. M., de Lima Argimon, I. I., & Irigaray, T. Q. (2018). Efeitos da terapia assistida por animais na qualidade de vida de idosos: uma revisão sistemática. *Contextos Clínicos, 11*(2). http://doi.org/10.4013/ctc.2018.112.03

Pauly, T., Lay, J. C., Nater, U. M., Scott, S. B., & Hoppmann, C. A. (2016). How we experience being alone: Age differences in affective and biological correlates of momentary solitude. *Gerontology, 63*(1), 55–66. https://doi.org/10.1159/000450608

Payne, G. (2014). Research methodology in sociology. In C. Scott (Ed.), *The Palgrave handbook of sociology in Britain* (pp. 413–436). London: Palgrave Macmillan UK.

Peek, C. W., Bell, N. J., & Dunham, C. C. (1996). Gender, gender ideology, and animal rights advocacy. *Gender and Society, 10*(4), 464–478.

Peplau, L. A., Miceli, M., & Morasch, B. (1982). Loneliness and self-evaluation. In L. A. Peplau & D. Perlman (Eds.), *Loneliness: A sourcebook of current theory, research, and therapy* (pp. 135–151). New York: Wiley-Interscience.

Pereira, R. D. C. (2017). *Dicionário de direito de família e sucessões: Ilustrado*. São Paulo: Saraiva Educação SA.

Policarpo, V. (2013). Friends will be friends? Personal communities and the role of friendship in times of uncertainty. Projeto de pós-doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia – Bolsa SFRH/BPD/85809/2012.

Policarpo, V. (2022a). Perder um animal de companhia. *Análise Social, 57*(2), 406–425. https://doi.org/10.31447/AS00032573.2022243.10

Policarpo, V. (2022b). Precisar, sonhar, "inesperar": Animais de companhia e comunidades pessoais multiespécies. *Análise Social, 57*(2), 340–366. https://doi.org/10.31447/AS00032573.2022243.07

Policarpo, V. (2024). Os animais podem ajudar-nos a construir um mundo organizativo mais justo, desorganizar o antropocentrismo. *Farol: Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, 11*(30). https://doi.org/10.31447/as00032573.2022243.07

Ramalho, M. F., & Cardoso, M. (2016). Representações sociais do envelhecimento ativo num olhar genderizado. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, 19*(4), 529–536. https://doi.org/10.1590/1809-9823.2016.15059

Richardson, I., & Hjorth, L. (2024). Aging with companion animals: More-than-human agency, digital and sensory intimacies, and care. In C. Douglas & A. Whitehouse (Eds.), *More-than-human aging: Animals, robots, and care in later life* (pp. xx-xx). New Jersey: Rutgers University Press. https://doi.org/10.2307/jj.18654620.8

Rook, K. S. (2001). Research on social support, loneliness, and social isolation: Toward an integrated review of personality. In J. Donaldson & R. Watson (Eds.), *Loneliness in elderly people: An important area for nursing research*. *Journal of Advanced Nursing, 24*(5), 953.

Ryan, M. C., & Patterson, J. (1987). Loneliness in the elderly. *Journal of Gerontological Nursing, 13*(5), 6–12. https://doi.org/10.3928/0098-9134-19870501-04

Rockström, J., Kotzé, L., Milutinović, S., Biermann, F., Brovkin, V., Donges, J., ... & Steffen, W. (2024). The planetary commons: A new paradigm for safeguarding Earth-regulating systems in the Anthropocene. *Proceedings of the National Academy of Sciences, 121*(5), e2301531121.

Saleth, L. A., & Varov, I. (2023). Anticipating lithium extraction in northern Portugal: A sacrifice zone in the making. *Journal of Political Ecology, 30*(1), 294–315.

Salgado, C. D. S. (2002). Mulher idosa: A feminização da velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, 4*, 7–19. https://doi.org/10.22456/2316-2171.4716

Sanders, C. R. (2003). Actions speak louder than words: Close relationships between humans and nonhuman animals. *Symbolic Interaction, 26*(3), 405–426. https://doi.org/10.1525/si.2003.26.3.405

Sarmicanic, L. L. (2007). Human and pet interaction: Companion animals and the formation of identity (Doctoral dissertation). UNLV Retrospective Theses & Dissertations, 2748. http://dx.doi.org/10.25669/v2vq-qql3

Sampieri, H., Fernández Collado, C. R. C., & Baptista Lucio, M. D. P. (2013). *Metodologia de pesquisa*. Porto Alegre: Penso.

Serpell, J. A. (1991). Beneficial effects of pet ownership on some aspects of human health and behavior. *Journal of the Royal Society of Medicine, 84*, 717–720.

Serpell, J. (1996). *In the company of animals: A study of human-animal relationships*. Cambridge: Cambridge University Press.

Serpell, J. A. (2016). *The domestic dog: Its evolution, behavior, and interactions with people* (2nd ed.). Cambridge: Cambridge University Press.

Serpell, J. A. (2019). Companion animals. In G. Hosey & V. Melfi (Eds.), *Anthrozoology: Human-animal interactions in domesticated and wild animals* (pp. 17–31). Oxford University Press. https://doi.org/10.1093/oso/9780198753629.003.0002

Serra, L. M. C., & Araújo, A. V. de M. (2019). Análise da natureza jurídica dos animais de estimação numa dissolução conjugal no âmbito de família eudemonista. *Revista IBDFAM: Famílias e Sucessões, 36*, 100–117. https://bdjur.stj.jus.br/jspui/handle/2011/140544

Shelley, B., & Perlman, D. (1985). Gender differences in loneliness. *Social Psychology Bulletin, 11*(1), 63–74. https://doi.org/10.1177/0146167285111006

Silva, S. de F. F. da (2023). *A ponte: O animal de companhia como facilitador do contato e interação social da população idosa* (Dissertação de mestrado). Universidade Lusíada de Lisboa. http://hdl.handle.net/11067/6636

Simmel, G. (1992). *Soziologie: Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung* (Gesamtausgabe, Band 11). Frankfurt am Main: Suhrkamp. (Obra original publicada em 1908)

Singer, P. (2010). *Libertação animal: O clássico definitivo sobre o movimento pelo direito dos animais* (1ª ed., pp. 288–289). São Paulo: Martins Fontes.

Singer, P. (2010). *Ética prática*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Singh, B., & Kiran, U. V. (2013). Loneliness among elderly women. *International Journal of Humanities and Social Science Invention, 2*(2), 10–14. ISSN (Online): 2319–7722.

Singly, F. (2010). *Sociologie de la famille contemporaine* (5ª ed.). Paris: Armand Colin.

Solhjoo, N. (2024). Knowing within multispecies family: An information experience study. *Journal of Information Science*, 1–19. https://doi.org/10.1177/01655515241268845

Spencer, L., & Pahl, R. (2006). Rethinking friendship: Hidden solidarities today. In *Rethinking friendship: Hidden solidarities today* (pp. 1–8). Princeton, NJ: Princeton University Press. https://doi.org/10.2307/j.ctv346r5j

Suthers-McCabe, H. M. (2001). Take one pet and call me in the morning. *Generations, 25*(2), 93–95.

The Cambridge Declaration on Consciousness. (2012). https://fcmconference.org/img/CambridgeDeclarationOnConsciousness.pdf

Torres, A. T. (1993). *Anthony Giddens (1991), Modernity and Self-Identity - Self and Society in the Late Modern Age*. Cambridge: Polity Press.

Thomas, K. V. (1983). *Man and the natural world: Changing attitudes in England, 1500–1800*. London: Allen Lane.

UNICEF. (2020). Um retrato estatístico das crianças em Portugal. https://www.unicef.pt/actualidade/publicacoes/conhecer-as-criancas-dados-pordata/

Vasconcelos, S., Azevedo, J., Casanova, C., Jardim, H., Neto, D., Jardim, S., & Viegas, C. (2021). Can the visits of dogs (Canis lupus familiaris) influence the mental health (anxiety and

depression) of male aging patients institutionalized with dementia in health care units? A pilot study of Madeira Island, Portugal. *People and Animals: The International Journal of Research and Practice, 4*(1), Article 1. Disponível em https://docs.lib.purdue.edu/paij/vol4/iss1/1

Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto. *Temáticas, 22*(44), 203–220. https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977

Voith, V. (1983). Animal behavior problems: An overview. In A. Katcher & A. Beck (Eds.), *New perspectives on our lives with companion animals* (pp. 181–186). Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

Vozikaki, M., Papadaki, A., Linardakis, M., & Philalithis, A. (2018). Loneliness among older European adults: Results from the Survey of Health, Aging and Retirement in Europe. *Journal of Public Health, 26*, 613–624. https://doi.org/10.1007/s10389-018-0916-6

Weber, M. (1949). *The methodology of the social sciences* (E. A. Shils & H. A. Finch, Trans.). Free Press.

Wood, L., Giles-Corti, B., & Bulsara, M. (2005). The pet connection: Pets as a conduit for social capital? *Social Science & Medicine, 61*(6), 1159–1173. https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2005.01.017

APÊNDICE A

Guião da entrevista semi- estruturada

- **CATEGORIA 1: perfil sociológico**

a) Idade;

b) Estado civil;

c) Zona onde vive;

d) Nível de escolaridade;

e) Profissão. Trabalha fora? **(Autonomia pessoal/financeira?)**

f) Tem filhos? Se sim, idade:

g) Vive só? Se sim, a quanto tempo?

- **CATEGORIA 2: Sobre o animal doméstico:**

a) Nome;

b) Idade;

c) Como chegou até à família? Foi comprado, adotado...;

d) Tem alguma condição de saúde especial;?

e) Frequenta regularmente o médico veterinário?;

f) Como é sua rotina e quais são suas preferências?

- **CATEGORIA 3: Sobre o agregado familiar e sua rotina:**

a) Quantos indivíduos compartilham o mesmo ambiente doméstico? Quem são/grau de parentesco com a entrevistada:

b) O animal de companhia ocupa espaço próprio na casa, tem objetos específicos para si - como brinquedos, cama, roupa e medicamentos - e tem rotina de alimentação, higiene e passeio?;

c) Acredita que o AC tenha interesses próprios?

- **CATEGORIA 4: Sobre a mulher em seu processo de envelhecimento:**

a) Por qual motivo ela resolveu ter um AC?;

b) O que mudou na vida dela antes e depois da chegada do AC?;

c) Quais são os pós e os contras de ter um AC em casa?

d) Como ela categoriza a relação dela com o AC: íntima ou não íntima

e) Como a mulher se comunica diariamente com o animal de companhia (há uma rotina de comunicação verbal e não verbal?)?;

f) Na visão da mulher, o animal de companhia tem influência em sua tomada de decisões? Por exemplo: ele influencia em suas escolhas sobre onde viver, onde ir, quando e para onde viajar...;

g) Qual é o papel que o animal de companhia exerce na família, na visão da mulher (é seu filho? É membro da família? É apenas um animal?)? Na visão da mulher, todos os membros do agregado familiar compartilham da mesma opinião?

h) Como são as relações interpessoais dessa mulher no dia a dia? A mulher comumente interage com seus filhos, cônjuge, amigos, vizinhos e outros familiares?;

i) Na visão da mulher, como seria sua vida sem o AC? (Luto? solidão? Sofrimento?);

j) Na visão da mulher, a convivência com o AC traz quais impactos (positivos e/ou negativos) em sua saúde fisiológica (bem-estar, mobilidade, estresse e humor)?;

k) A mulher já conviveu com AC em outros momentos/idade da vida? Se sim, qual a diferença (se é que há) da convivência em fase anterior e agora, quando do processo de envelhecimento?;

l) Na visão da mulher, atualmente, ela passa maior período do dia convivendo com seu AC ou com demais membros da família ou amigos ou vizinhos?

*variáveis, como:

A) grau de idade do grupo entrevistado – mulheres mais novas e mais velhas dentro do recorte etário adotado-;

B) a situação econômica e ocupação laboral das entrevistadas;

C) o fato de viverem sozinhas ou não; e

D) o fato de terem maior ou menor grau de autonomia para os afazeres domésticos e cuidados pessoais; com a finalidade de se entender as subjetividades inerentes ao relacionamento psico-afetivo e social que se encontra no cerne da interação entre a mulher em processo de envelhecimento e seu animal de companhia.

APÊNDICE B

CONSENTIMENTO INFORMADO

Declaro que fui informada do título do presente estudo (*Gênero e animais de companhia: a importância dos animais para moradoras de Lisboa em processo de envelhecimento*) realizado em âmbito académico pela Dra. Paula Freire Santos Andrade Nunes, contacto telefónico 913 381 807, endereço eletrônico advogadapaulafreirenunes@gmail.com, aluna de mestrado da Universidade de Lisboa (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas), orientada pela Profa. Doutora Catarina Casanova.

O presente estudo foca-se na realização de uma pequena entrevista, que será gravada com o seu consentimento, onde são colocadas questões à tutora/guardiã de gatos (*Felix*

domesticus) e cães (*Canis lupus familiares*), e que não implicam qualquer manipulação dos respetivos gatos e cães.

A minha participação no presente estudo é voluntária não havendo quaisquer prejuízos para ambas as partes (nem manipulação dos gatos), e posso desistir de participar quando assim entender e em qualquer fase da entrevista.

A confidencialidade e anonimato dos dados são obrigatórios e no trabalho final os entrevistados estão identificados por nomes falsos, não sendo mencionados aspetos ou episódios que permitam a identificação dos mesmos. Os resultados obtidos serão utilizados exclusivamente para este trabalho académico, no fim deste, garantindo a destruição das gravações áudio.

Declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que forneço de forma voluntária, uma vez que os mesmos são apenas utilizados para esta investigação garantindo a confidencialidade e anonimato.

Por favor, leia com atenção a seguinte informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações.

Assinatura_____

Data:____ /____ /_____

Assinatura do autor do estudo:

_____

ESTE DOCUMENTO É COMPOSTO DE 1 PÁGINA E FEITO EM DUPLICADO: UMA VIA PARA O /A INVESTIGADOR /A , OUTRA PARA A PESSOA QUE CONSENTE

APÊNDICE C

Ilustração I- Respondendo à pergunta de partida

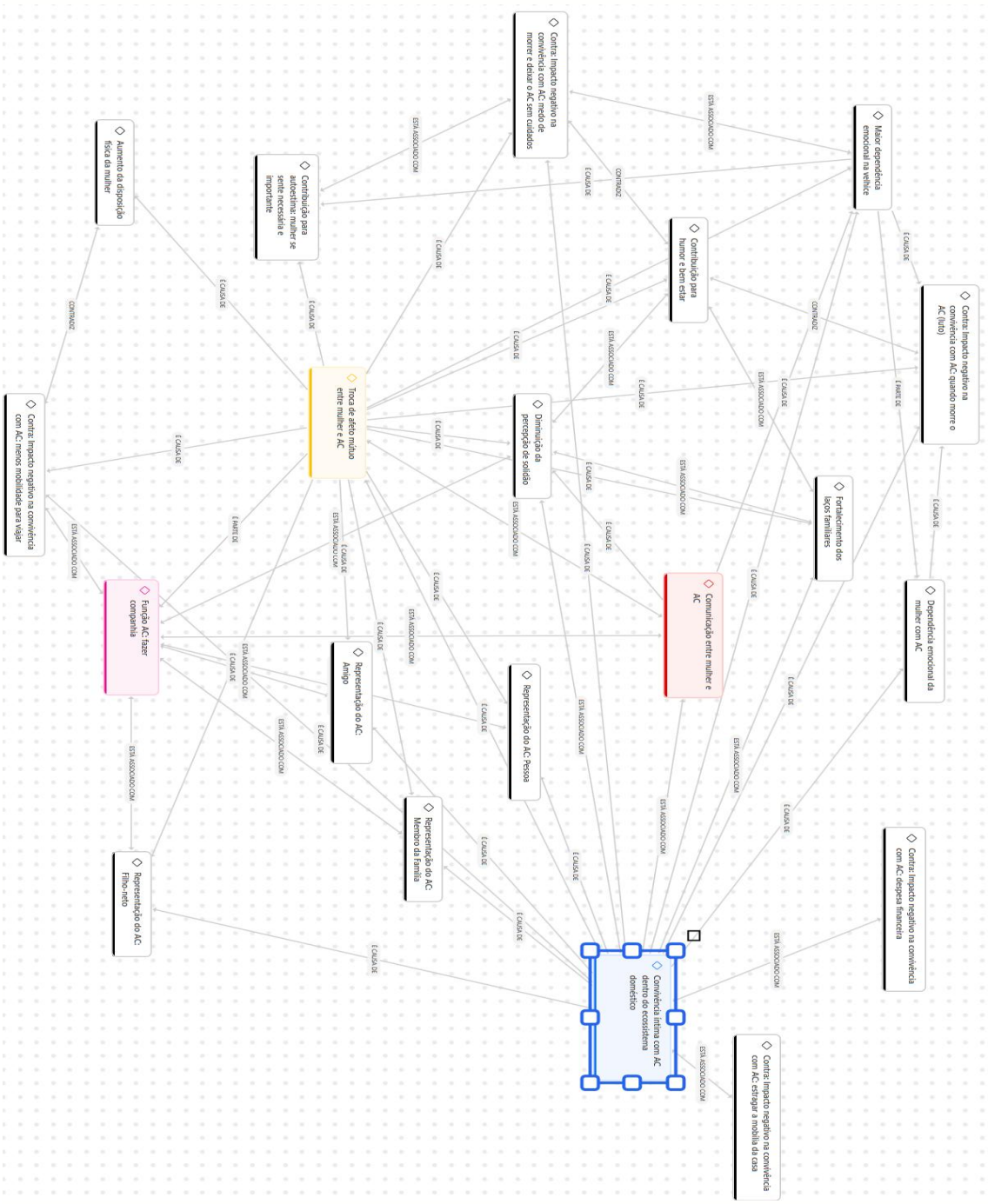


Ilustração II- Estado Civil da mulher (n=9)

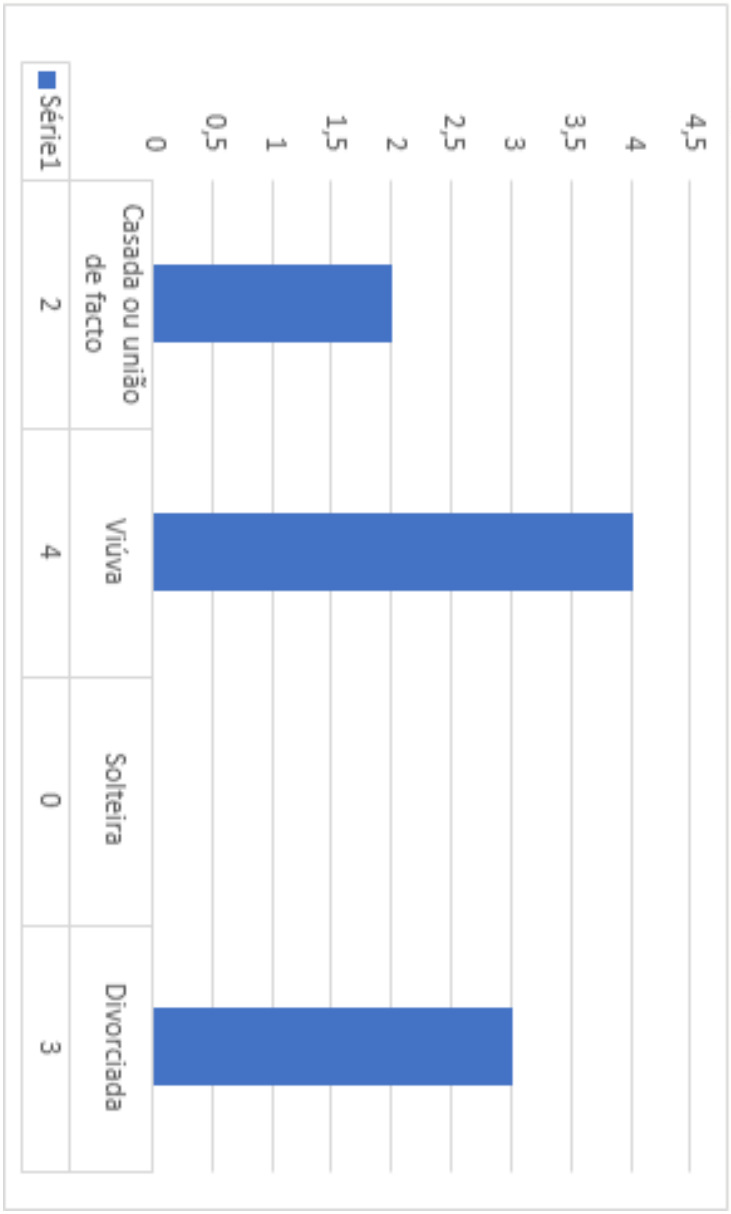


Ilustração III- Situação do agregado familiar (n=9)

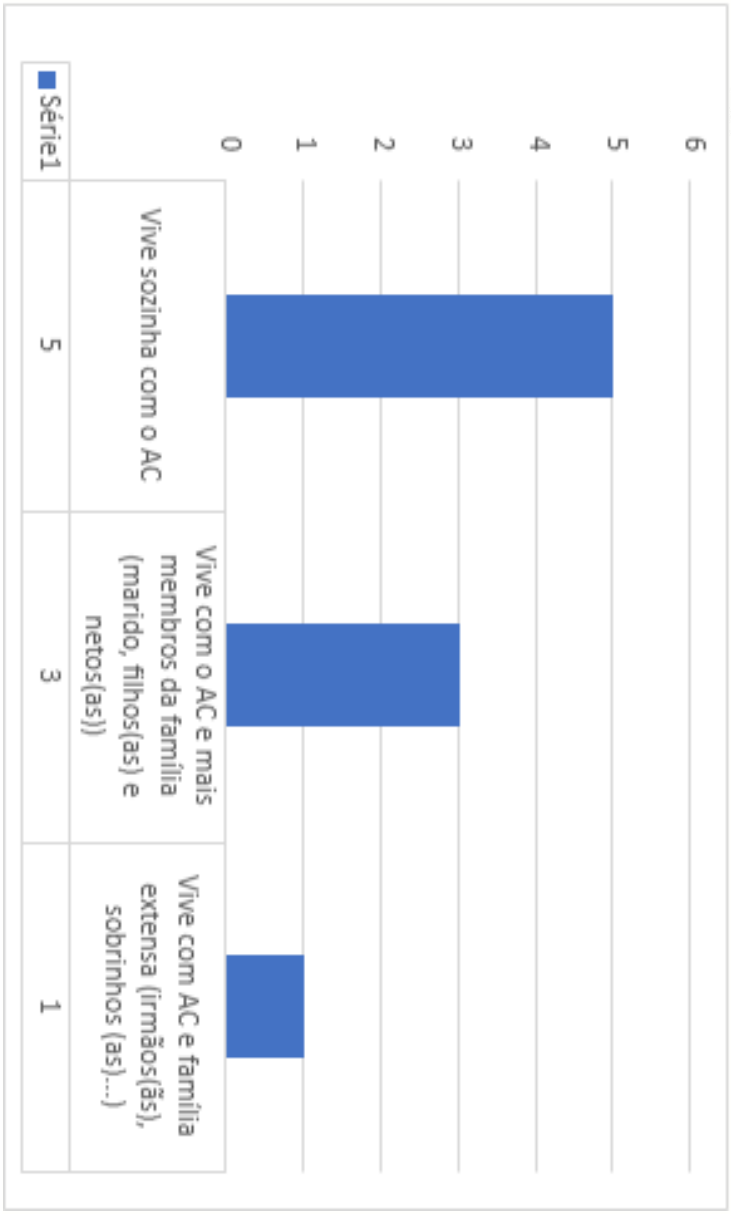


Ilustração III- Situação do profissional da mulher (n=9)

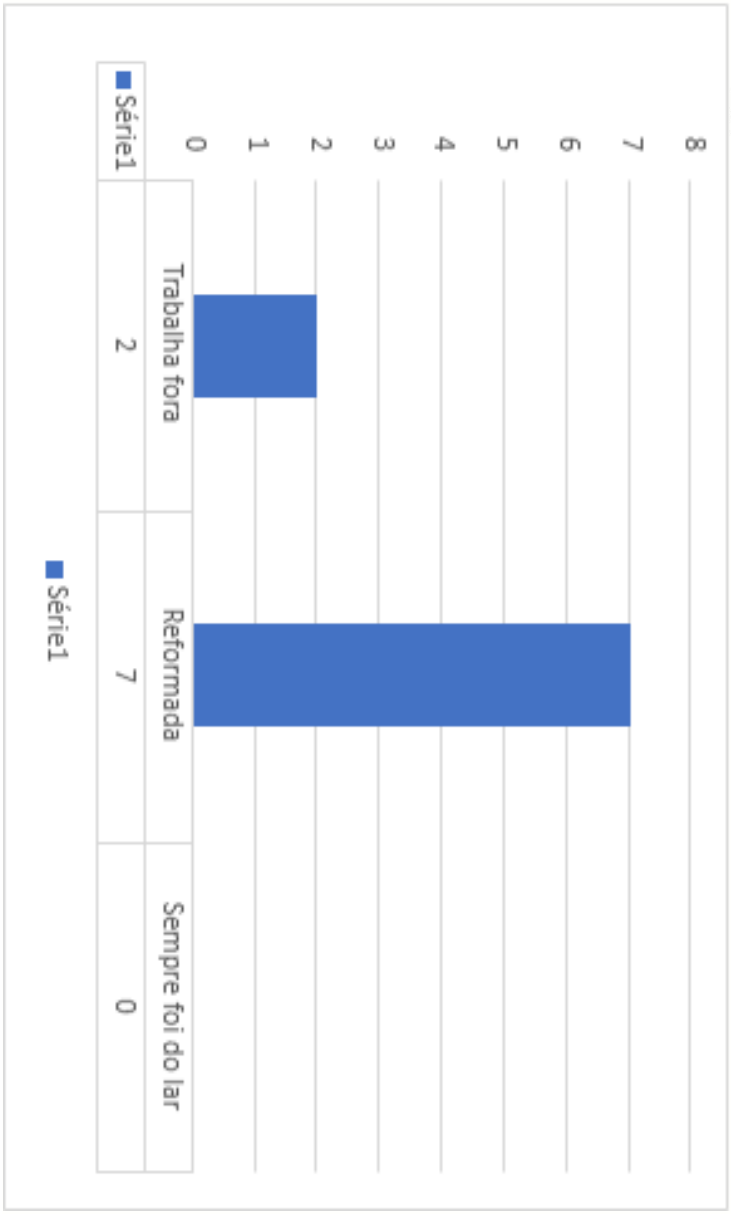

UNIVERSIDADE
DE LISBOA
Série1
0
1
2
3
4
5
6
7
8
Trabalha fora
Reformada
Sempre foi do lar
2
7
0
Série1

Ilustração V- Gráfico em rede que reflete o objetivo 1

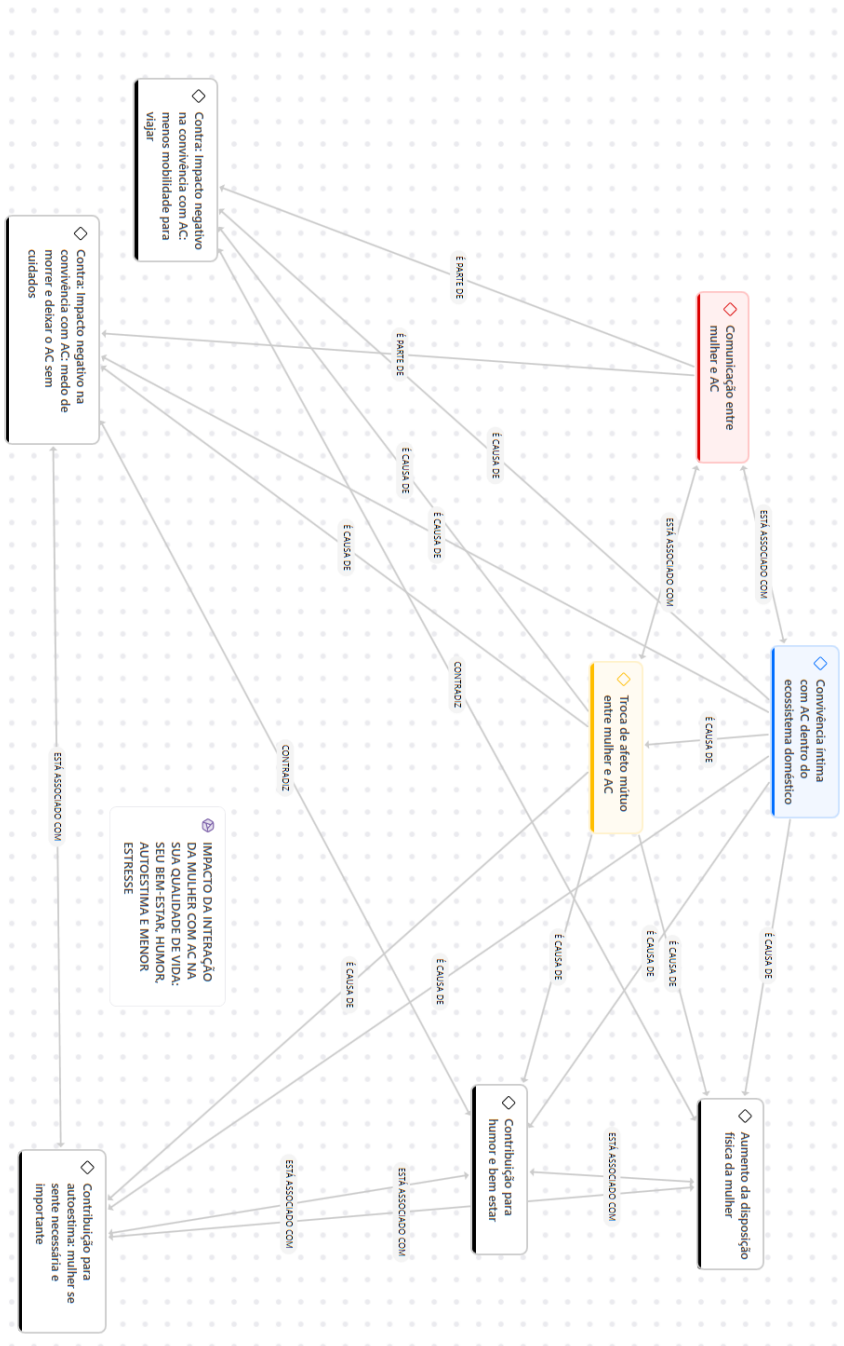


Ilustração VI- Gráfico em rede que reflete o objetivo 2

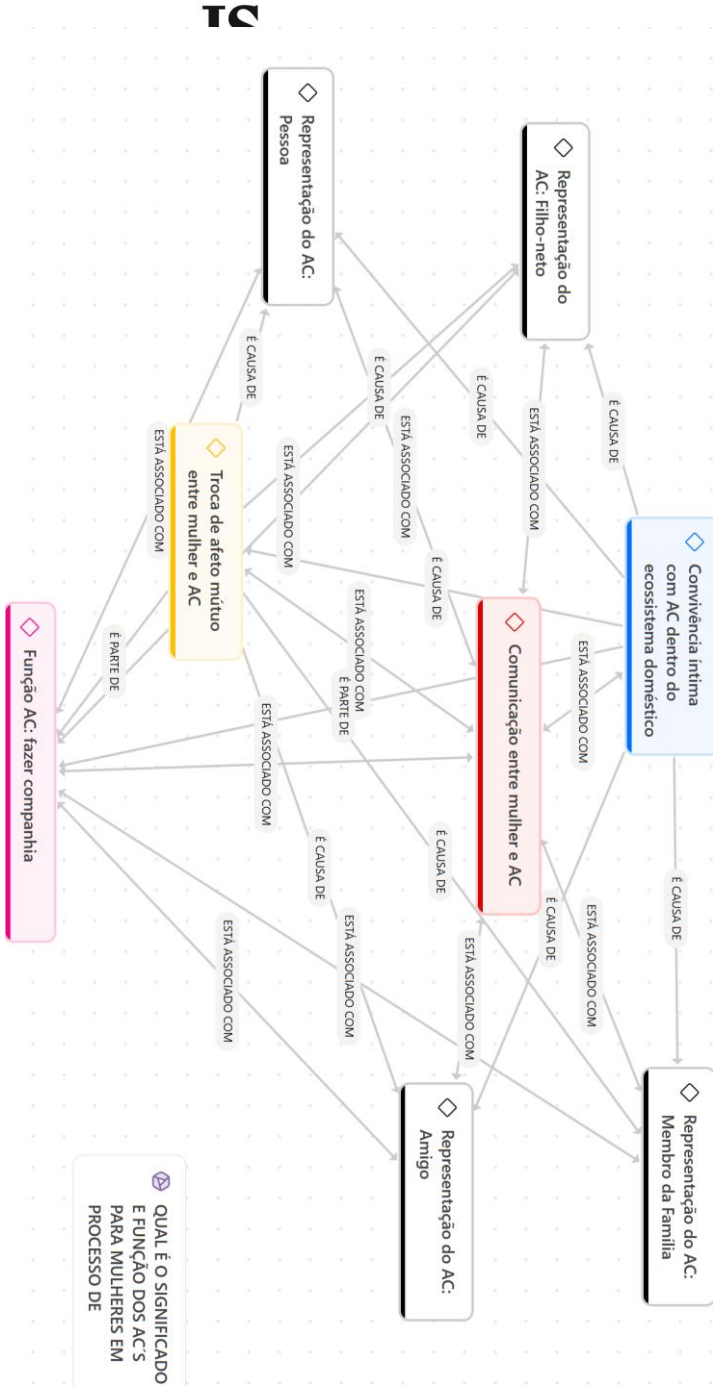
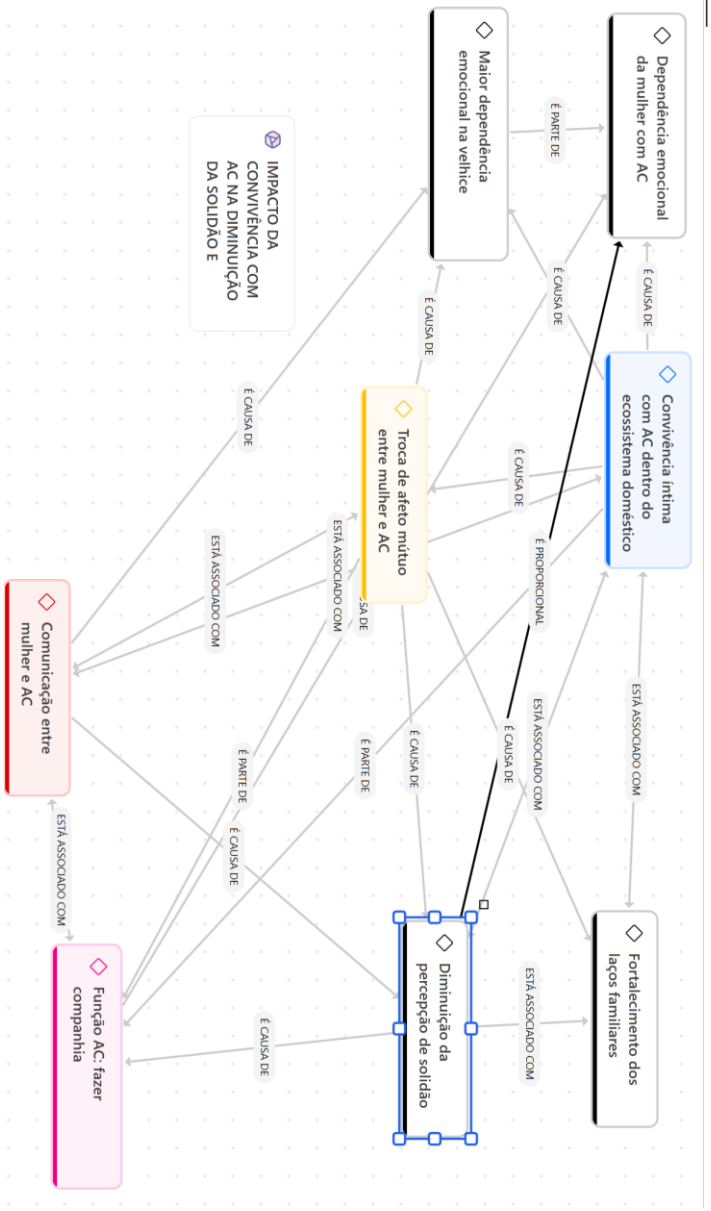


Ilustração VII- Gráfico em rede que reflete o objetivo 3


Dependência emocional da mulher com AC
Maior dependência emocional na velhice
Convivência íntima com AC dentro do ecossistema doméstico
Troca de afeto mútuo entre mulher e AC
Comunicação entre mulher e AC
Diminuição da percepção de solidão
Fortalecimento dos laços familiares
Função AC: fazer companhia
IMPACTO DA CONVIVÊNCIA COM AC NA DIMINUIÇÃO DA SOLIDÃO E
É CAUSA DE
É PARTE DE
ESTÁ ASSOCIADO COM
É PROPORCIONAL